

# Conjuntura 2007

## abril

Nova Sociedade Comunicação

A Inflação está controlada

O real está valorizado

O cambio está estabilizado

Recordes nas safras de grãos

Recordes na safra de cana

Superavit recorde na balança comercial

Zerada a dívida externa

Reservas em níveis recordes

# E daí?

A vida é naturalmente bela. A gente deve cuidar para não torná-la feia.

# Conjuntura 2007 abril

**Nova Sociedade**  
**NS**  
**Comunicação**

- Pesquisa histórica e sistematização
- Planejamento Estratégico Participativo
- Elaboração de Projetos Culturais para Leis de Incentivo

## Produção editorial e gráfica:

### Nova Sociedade Comunicação Ltda

Rua Fábria, 27

05051-030 - São Paulo - SP

Tels. 11 38653292 / 38726626

### Responsável:

Paulo Cannabrava Filho

paulo@novasociedade.com.br

MTb 7654

### Impressão e fotolito:

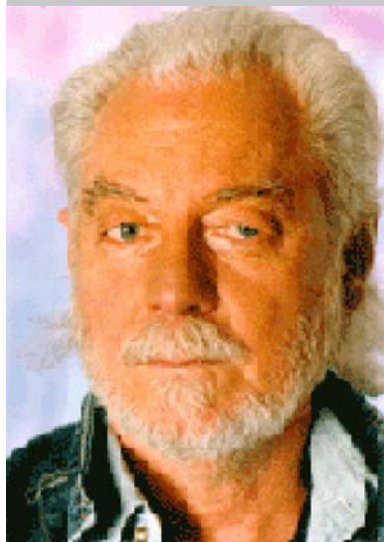
*Aos leitores,*

*Esta publicação, iniciativa da Nova Sociedade Comunicação, tem o objetivo de oferecer subsídios para uma reflexão sobre a atualidade brasileira e o acontecer mundial, em que as perversidades do modelo marcam o caminho da desesperança.*

*Os textos de Paulo Cannabrava Filho, constituem contribuição para o debate que julgamos mais que necessário, num momento em que a sociedade é chamada a forjar um Pacto Social, único caminho para a retomada do desenvolvimento e o resgate da dívida social.*

*Contudo, chama a atenção de que sem mudanças de rumo, sem novos paradigmas, o desenvolvimento sob o mesmo modelo só acarretará aumento das desigualdades sociais.*

*Os dados utilizados foram retirados de jornais, notadamente O Estado de São Paulo e de sites oficiais do governo federal.*



Paulo Cannabrava Filho, jornalista desde 1957, com experiência profissional bastante diversificada, trabalhou em importantes meios de comunicação no Brasil e em países da América Latina. Desde 1980 se dedica a elaborar projetos de comunicação social e a realizar pesquisa e sistematização na área de história. É sócio fundador e presidente do conselho diretor da Associação Brasileira da Propriedade Intelectual dos Jornalistas Profissionais – Apijor.

## É preciso romper com a servidão intelectual

Com os pés hoje aqui, no que foi a Fazenda Duas Pontes, com origem em sesmarias formadas no último lustro do século XVIII, não se pode furtar a oportunidade de uma reflexão sobre o significado profundo que evoca o que resta desse acervo histórico, uma reflexão sobre nós mesmos.

De um lado a ocupação predatória de nosso território. Iniciada com a caça aos índios, a derrubada das matas e saqueio das riquezas naturais, seguida da indignidade escravagista e a continuidade do genocídio contra os naturais da terra.

Nossas fronteiras agrícolas de hoje se expandem tal qual as sesmarias do passado. Se antes eram concessões da corte, hoje impera a grillagem. O que mudou? Tecnicaram a preda dando-lhe mais eficácia. Blairo Maggi (5% da soja brasileira) personifica o Domingos Jorge Velho dos tempos modernos.

Nossos morros cercados por tropas, nossos acampamentos de sem-terras, nossas periferias marginalizadas são nossos modernos quilombos. E não é que ainda temos quilombos, que ainda temos trabalho escravo a moda antiga?

Senhor Deus dos desgraçados!

Dizei-me vós, senhor Deus!

Se é loucura...Se é verdade

Tanto horror perante os céus?!

São versos que revelam profunda indignação. Castro Alves morreu com apenas 24 anos sem ter realizado o sonho de ver os escravos libertos. Mas seus versos inspiraram mais de uma geração de jovens indignados que protagonizaram o movimento abolicionista em São Paulo com projeções por todo o país.

Indignação que falta a nossos jovens de hoje. Essa capacidade de indignar-se ausente nos jornalistas de hoje. Falta-nos, hoje, um Luis Gama, baiano, filho de mãe escrava, ele mesmo um escravo fugitivo que adotou São Paulo como morada onde se fez poeta e jornalista e assumiu a liderança do movimento abolicionista. Luis Gama criou o Diabo Coxo, em 1864, primeiro jornal humorístico na história do nosso jornalismo impresso. Merece ser lembrado e homenageado.

Essa mesma indignação movia outro jovem também filho de negra, Antonio Bento, que lutou ao lado de Luis Gama e o sucedeu no movimento abolicionista do partido republicano paulista. Bento foi o fundador do movimento caifases, envolvendo maçons ricos, que estimulava e armava os negros a lutarem contra os escravagistas.

Negros de espírito rebelde e libertário como José do Patrocínio, filho também de escrava, jornalista que foi grande impulsionador do movimento abolicionista no Rio de Janeiro. E tantos outros exemplos de coragem e capacidade de trabalho a quem devemos a consciência que tornou irreversível o momento abolicionista.

Porque falar dessas coisas num encontro de jornalistas onde o objetivo é discutir problemas corporativos?

Penso que o bom jornalista tem que ter consciência de pátria, e isso só se adquire com o conhecimento profundo de nossa história. Acredito que o bom jornalista conhece e cultua os heróis que forjaram nossa história. Estou convencido de que só com o pé na história se pode entender o presente, enxergar e construir o futuro.

Outro dia, em reunião da executiva ampliada da Fenaj, no Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, aceitava-se que com tantos bons quadros que temos deveríamos ter uma atuação que nos projetasse como a OAB do século XXI. Para isso temos que reconquistar a auto-estima maculada por recentes derrotas.

O caminho é ter uma atuação como a dos bons jornalistas de todos os tempos. Uma atuação como a de Luis Gama, de Antonio Bento, de Líbero Badaró, de Wlado Herzog, Mário Alves e tantos outros. Podemos e devemos ser os jornalistas do século XXI. Basta que evidenciemos nossa capacidade de indignar-se.

Os jornalistas de hoje ocuparão um lugar na história se se organizarem e seguindo o exemplo de Luis Gama e Antonio Bento iniciarem um segundo movimento abolicionista. Movimento para abolir a miséria, para abolir as desigualdades, abolir o preconceito, a prepotência.

Somos autores e deveríamos ser respeitados como autores. No entanto, se nem nós mesmos nos reconhecemos como autores, como ser respeitados pelos demais?

Seremos reconhecidos e respeitados como autores se engajados na mais árdua das batalhas abolicionistas de nosso tempo, a luta pela abolição da servidão intelectual.

Eis aí o desafio para os jornalistas organizados. Vamos erguer a bandeira de luta pelo império da ética e levá-la a todos os espaços sociais. Não vamos deixar acontecimento algum sem que estejamos lá com nossa bandeira de luta libertária, apoiando, mobilizando, dando conteúdo.

Obrigado.



*Contribuição à Mesa Redonda "Assessores de Comunicação e sua Contribuição para a Disseminação da Cultura da Paz", no XXI Encontro Estadual de Jornalistas em Assessoria de Comunicação. Campinas, 10 de março de 2007*

## Desaparece a antinomia entre capitalismo e "comunismo"

Como é que fica a pretendida antinomia entre comunismo e capitalismo? O mundo globalizado das grandes corporações e da mais elevada concentração do capital jamais vista na história comprova como falsa a pretendida antinomia entre comunismo e capitalismo.

Claro que não nos referimos à utopia comunista mas sim ao "comunismo" dos regimes de economia planificada instaurados depois da vitória da Revolução de Outubro de 1917.

Evidencia também a fragilidade dos argumentos utilizados, durante a guerra fria, em favor de governos pró Estados Unidos e contra os países de economia planificada. Argumentos que são utilizados ainda hoje como arma psicossocial para travar o desenvolvimento dos países do terceiro mundo.

Os estados de economia planificada, mais que criticados, eram demonizados, precisamente por planejarem o desenvolvimento de forma integrada e manterem o monopólio do estado sobre a propriedade de boa parte dos meios de produção, notadamente aqueles considerados estratégicos: os setores de infraestrutura, energia, mineração, siderurgia, petroquímica, etc, assim como a prestação de serviços públicos essenciais, tais como, saneamento básico,

Contradição que  
serviu de argumento  
para a Guerra Fria  
perde sentido na  
Globalização

energia, comunicação, saúde e educação.

Nesses países os monopólios eram de âmbito nacional com inegáveis objetivos sociais que foram alcançados. Hoje os monopólios são transnacionais, sem qualquer outro objetivo que não o lucro.

No Brasil, o grande salto à modernidade, iniciado com a

revolução de 1930, deu-se principalmente pela grande revolução havida na educação e na saúde, além, claro, dos fortes investimentos em infraestrutura, tudo isso planejado e executado pelo Estado.

Durante o ciclo de governos militares pós 1964, enquanto os generais de turno perseguiram, prendiam e torturavam os que se lhes opunham, fossem democratas, católicos ou comunistas, a presença do estado nos meios de produção era maior do que em grande parte dos estados do leste europeu e garantiu os maiores índices de desenvolvimento industrial de nossa história.

### O regime dos militares caiu por pura incompetência

De nada serviu o Itamarati da época dizer amém à política exterior de Washington. Sem apoio popular e político-institucional debilitou-se o regime autoritário que não soube criar alternativas a mais um dos ciclos de crise do capitalismo.

Conseqüência da crise, debilita-se o apoio de amplos setores das massas populares, principalmente os mais organizados, abrindo espaço para as campanhas em prol da redemocratização, direitos humanos, anistia, eleições diretas, etc.

Interessante que nesse cenário o império nem precisou mexer os pauzinhos diretamente. A burguesia nacional e os intelectuais desonestos fizeram o que tinha que ser feito.

O regime caiu de podre (não foi preciso derrubá-lo) e começou a desmontagem do estado. Depois de 30 anos de caçar, cassar e castrar lideranças, tudo ficou mais fácil para o Império e consolidou-se a ditadura do capital financeiro, aplaudida pelas oligarquias históricas.

## Hoje impera o monopólio do capital transnacional

Sucedeu ao período militar-autoritário um desfile de fantoches pseudoliberais (Sarney, Itamar (este nem tanto), Fernando, Fernando, Lula). Por que fantoches? Porque incapazes de se mover com as próprias pernas. Nenhum se apresentou com um projeto de desenvolvimento e todos seguiram a cartilha do Consenso de Washington, inclusive quando já no mundo se impunha o dissenso.

Então, sob o pretexto de acabar com o monopólio do estado, de buscar o estado mínimo, deu-se a privataria e a desnacionalização. A história é implacável, portanto, há de chegar o dia em que se revelará a dimensão das maracutaias que regeram o processo de privatização acompanhada da desnacionalização e fusões. Quanto isso gerou e onde está esse dinheiro?

Sob o ponto de vista do manejo da economia e da produção, o que vemos no auge da globalização pós-Consenso de Washington não é por acaso o monopólio do

Há de chegar o dia  
em que se revelará  
a verdadeira dimensão  
das maracutaias  
havidas no processo  
de privatização

capital transnacional sobre a propriedade dos meios de produção?

Quando sob inspiração de Raul Prebisch e Celso Furtado - país do estruturalismo adotado pela Cepal - países ditos periféricos como o Brasil planejaram seu desenvolvimento, houve crescimento a taxas constantes em torno de 7%, e viveu-se um regime de pleno emprego.

A queda do muro de Berlim trouxe euforia nas cortes do Império. Por fim o domínio do pensamento único!

Nenhuma palavra para lembrar que aqueles países sob débâcle haviam tido um período áureo jamais propor-

cionado por nenhuma outra economia, em que todas as crianças tinham escola de altíssima qualidade, em que a assistência à saúde era igual para todos e em que havia pleno emprego no marco de um grande desenvolvimento industrial.

“Oh! Mas não havia democracia. Os meios de comunicação eram controlados pelo estado. Em Cuba ainda é assim e a Venezuela quer seguir o mesmo caminho” - dizem.

Com esses argumentos envenenam nossas mentes. É fácil criticar modelos com recitações de ladainhas, fechando os olhos às próprias mazelas.

A pretexto de que nos estados do leste europeu e na URSS eram violados os direitos humanos combateram os comunistas e ninguém acusa os mackartistas, nem os segregacionistas, de violadores de direitos humanos. Falam de holocaustos do passado sem vinculá-los com os holocaustos do presente.

### Para uma vida saudável - com arte e requinte



**No Banana Verde você desfruta de uma cozinha criativa e natural. E também pode levar para casa grande variedade de produtos saudáveis.**

**Café da manhã, almoço e jantar.  
Estacionamento com manobrista.  
Todos os cartões.**

**Restaurante e Loja:**

Rua Harmonia, 278 - Vila Madalena

Tel 11 38144828. - [www.bananaverde.com.br](http://www.bananaverde.com.br)

## É preciso construir a cultura de paz

Deu nos jornais que reivindicam seja colocado nos currículos escolares a obrigatoriedade de informar sobre o holocausto, entendendo-se aí não o sacrifício religioso para expiação dos pecados, e sim o massacre de judeus praticado na Alemanha durante a II Guerra Mundial.

Primeiro, o massacre praticado pelos nazistas não foi só contra os judeus. Foi contra judeus e outras minorias étnicas, e também contra operários comunistas e outros que não concordavam com o regime.

Segundo, a II Guerra Mundial deixou 40 milhões de mortos, 20 milhões dos quais dados pelos soviéticos (ex-URSS). Finalizada a Guerra a Paz de lalta ficou no papel. A realidade foi uma sucessão de conflitos e guerras e massacres e genocídios que a humanidade ainda não conseguiu deter.

É bom lembrar alguns desses fatos. Alguns, já que seriam necessárias muitas páginas para listar todos. Guerras da Coreia (4 milhões de mortos); do Vietnam (15 anos de guerra, mais de dois milhões de mortos, 30 a 40 vezes os mortos estadunidenses); massacre dos comunistas na Indonésia (mais de um milhão de mortos). As guerras na região do Golfo Árabe, de 1950, 1960, 1970. Nesta última guerra, quanto iraquianos já foram mortos? Quantos mais serão mortos para se impor a pax bushiniana?

**Não foi crime de guerra a morte de mais de 300 mil civis desarmados em Hiroxima e Nagasaki?**

Porque nunca se julgou como crime de guerra a morte de 300 mil civis e outros tantos feridos vítimas das bombas atômicas sobre Hiroxima e Nagasaki?

Derrubaram o que chamavam de “muro da vergonha” mas, não têm vergonha de levantar os muros de opróbrio separando povos que deveriam conviver em paz, ou também, a ignominiosa exclusão das maiorias em nossas cidades.

Na nossa América irredenta, como esquecer os mortos nos golpes de Estado ou nas invasões patrocinadas ou executadas pelos Estados Unidos, como a da Guatemala em 1954; Cuba em 1961; Brasil em 1964; República Dominicana em 1965; Chile em 1973; Granada, em 1983; Panamá em 1995. Como esquecer que já são quase dois séculos de agressões dos EUA contra os povos de nossa América? Quantos morreram nas guerrilhas de libertação derrotadas na Guatemala, El Salvador, Nicarágua, Panamá, Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia, Argentina, Uruguai e Brasil?

Seriam necessários mais capítulos e muitas páginas para

relembrar a mortandade que não cessa na África apesar de vitoriosos os movimentos de libertação. A impressão que se tem, olhando a África Negra, é que estão esperando e contribuindo para que o continente se acabe para então, depois ocupá-lo, sem problemas.

Em poucas palavras, não se pode descontextualizar o holocausto. Há que mencioná-lo sempre no contexto dos horrores das Guerras, suas causas e conseqüências, e o verdadeiro papel de cada um dos envolvidos nesses conflitos. Precisamos ter clareza sobre o que é que mantém a humanidade em permanente conflito.

O que há de mais espantoso na rememoração desses dramáticos fatos históricos é que ela nos remete a uma comparação com os dias de hoje. Muitas das condições objetivas e subjetivas que levaram à II Guerra continuam presentes. Mudam os personagens e os cenários, mas não as causas e os efeitos.

O que é preciso impor nas escolas é a ideologia da paz.

Como construir uma cultura de paz? É possível haver paz onde há fome? É possível haver paz onde os direitos não são iguais para todos?

Quando se for pensar que Brasil queremos para nossos netos, qual o modelo de desenvolvimento que nos levará a esse Brasil? que tipo de democracia queremos?

## Considerações sobre o conflito árabe-israelita

- 1) Judeus e palestinos têm a mesma história primeva. São primos, ou, em outras palavras, semitas de uma mesma tribo que se dividiu por causa de um casamento.
- 2) Quando os romanos chegaram, seus aliados foram os sacerdotes judeus. Judeus e palestinos eram um único povo com dois opressores - o império e a religião. Cristo foi um rebelde a essa situação. Todos os exegetas já o vem assim.
- 3) À debacle do império romano sobrevém a grande expansão do mundo árabe-muçulmano.
- 4) Não só as Cruzadas, mas as sucessivas guerras de conquistas e saques por parte do Ocidente, culminaram com a criação de fronteiras artificiais e, após lalta, com a colocação de uma cabeça-de-praia no oriente do Mediterrâneo - Israel.
- 5) Vê-se nos fluxos e refluxos dos impérios, das hegemonias, a religião utilizada como arma. A atuação no psico-social para dominação dos povos, como se vê, vem de longe. Ela foi se aperfeiçoando na medida do avanço tecnológico. Hoje, a religião ainda é importante nesse esquema. Ela continua sendo amealhadora de fortunas e promotora de alienação do povo (lembremo-nos dos bispos e dos fundamentalistas). Mas, de uma maneira geral é secundária. Primária é a utilização dos meios.
- 6) Onde estão os fundamentalistas e qual o papel deles? Não se pode ter dúvida sobre o fundamentalismo de Bush, como representante do complexo militar industrial e da catequese cultural estadunidense. Da mesma forma não se pode duvidar do fundamentalismo judaico/sionista e, tampouco, do fundamentalismo árabe/muçulmano.
- 7) Olhando sob esse prisma, fica claro que os povos de Israel e da Palestina são as primeiras vítimas do fundamentalismo religioso e dos interesses hegemônicos do império atual.
- 8) O holocausto imposto pelo estado alemão a judeus, ciganos, comunistas e outras minorias é maior ou menor que o holocausto imposto pelo estado sionista aos palestinos em Shabra e Shatila e que persiste ainda hoje? Qual muro envergonha mais a humanidade: o de Berlim ou o de Jerusalem?
- 9) O que tem provocado maior número de vítimas civis no Iraque, é a ocupação ou a guerra civil fratricida? E o mais importante: o que, porque e quem gerou e alimenta a guerra fratricida?
- 10) Temos que tomar um partido, sim. O partido dos povos que estão sendo massacrados e denunciar os interesses que estão mascarados por traz da propaganda do sistema. Como fazê-lo? Como ruir barreiras culturais e psicológicas erguidas durante séculos?
- 11) Eis o grande desafio para garantir a sobrevivência da humanidade. As causas dos conflitos são as mesmas causas que provocam o ecocídio cujas conseqüências colocam em risco o próprio planeta.
- 12) Um bom começo para tornar possível um outro mundo é lutar incansavelmente pelo império da ética. Só assim se constroi a paz.
- 13) No âmbito das relações internacionais dar vigência à ONU e fazer que se respeitem os sagrados princípios que regem o Direito Internacional: a autodeterminação dos povos, a solução pacífica das controvérsias, o pluralismo, o respeito às diferenças. Só assim se consolida a paz. O direitos dos dois povos viverem em duas pátrias e em paz.

## É preciso impor nas escolas a ideologia da paz

Deveremos pensar também qual o nosso papel - como indivíduos e como brasileiros - no mundo; que contribuição podemos dar para construir esse outro mundo que acreditamos ser possível.

Eis aí mais um motivo para se pensar em como traçar e trilhar caminhos que nos leve a um mundo em paz, sem guerras. Com certeza isso já seria um grande avanço na recuperação da humanidade perdida dos habitantes deste planeta.

É difícil olhar modelos dentro de seus contextos, à luz do conhecimento da evolução histórica dos cenários em que se produzem.

Mentes submissas não alcançam entender princípios consagrados de política exterior como da autodeterminação dos povos, não ingerência e solução pacífica das controvérsias. O Império, e tampouco esse sistema, esse modelo, jamais aceitará esses princípios pois contrariam sua vocação expansionista. Mas, não há justificativa alguma para as elites governantes e os intelectuais que pactuam com o império.

É fácil criticar modelos apenas por diferentes, sem utilização de parâmetros. Mais fácil ainda criticar modelos sem apresentar alternativas.

O difícil é entender que os caminhos nunca serão os mesmos.

Agora, com relação aos objetivos a serem alcançados para uma melhor qualidade de vida na terra, sim, eles podem ser os mesmos. Onde houver um humanista haverá coincidência de objetivos por um mundo melhor. Para cada um de nossos países quem é que não deseja uma sociedade de pleno emprego, nenhuma criança fora da escola, educação e saúde igual para todos, igualdade de direitos e deveres?

Todos sonhamos com uma sociedade mais justa, e todos sabemos que o desenvolvimento predatório, de corte colonialista, não leva a isso. O desenvolvimento auto-sustentável, eticamente ecológico e humano, é a antinomia do capitalismo predatório, é a antítese do modelo imposto pelo capital financeiro.

Difícil é criar modelos compatíveis com a realidade de cada país, de cada região. Para isso é preciso coragem. Honestidade intelectual e coragem.

É preciso antes de tudo, indignar-se diante do status quo.

### Intervenções USA na América Latina

Alguns exemplos de intervenções dos EUA em nossa América no século XX.

#### Guatemala

Juan José Arévalo, ascendeu ao poder com a "Revolução de Outubro" de 1944 e iniciou reformas econômicas e sociais modernizadoras. Foi sucedido por Jacobo Arbenz, com programa de aprofundar as reformas, que foi deposto em 1954 por uma invasão de mercenários comandada por Castillo Armas patrocinada pela CIA. Seguiram-se duas décadas de luta armada insurrecional.

#### Granada

O governo popular revolucionário de Maurice Bishop ascendeu em 1979. Em 1983, Estados Unidos desembarcaram cinco mil marines numa mobilização de mais de 10 mil soldados contra uns mil guardas granadinos parcamente armados. Derrocaram o governo que construía um aeroporto internacional com vistas a fazer do turismo o motor do desenvolvimento. O pretexto, aqui como lá, foi necessidade de barrar o comunismo, que eles viam na ajuda cubana para construção do aeroporto.

#### República Dominicana

Em "La Fiesta Del Chivo", Vargas Lloza fez um relato magistral do que foram mais de 30 anos de ditadura de Rafael Leônidas Trujillo patrocinada pelos Estados Unidos. Depois de uma revolta popular, em

**Continua**

## É preciso distinguir claramente a diferença entre público e privado

Eis um tema para uma profunda reflexão. O que é mais ético: um meio de comunicação controlado por um estado cujo objetivo é o bem comum, ou o meio de comunicação controlado por uma família que por sua vez está subjugada pelo capital financeiro através dos bancos cujo objetivo é o lucro?.

O estado é um ente público. Eis um conceito que se deve recuperar. O que é mais ou menos ético: o privado se apropriar do público ou o estado apropriar-se do público? Ambos violam a ética.

**Temos que recuperar o conceito de propriedade pública para a emissora de televisão educativa do Estado de São Paulo. Ela não pode ser apropriada pelo estado, utilizada como um serviço para o estado. Da mesma forma não pode ser apropriada para benefício privado. A propriedade pública é para ser apenas gerida pelo estado a serviço da coletividade. Coletividade que mantém o estado através dos impostos.**

É aceitável, pois nossa legislação assim o permite, que empresas privadas, com dinheiro público (imposto devido) financiem (através das Leis de Incentivo) a produção de programas que não desvirtuem a finalidade de uma emissora educativa. A marca da empresa estará vinculada ao produto final financiado. É uma promoção institucional.

É inaceitável que a empresa pública veicule anúncio de varejo ou de produtos ou mesmo de marcas fora dos padrões da promoção institucional. É criminoso promover consumo e desonesto baixar o nível da programação só para competir com as emissoras privadas.

Mas o ideal é o Estado investir e garantir uma excelente programação. São Paulo é suficientemente rico para isso. Pena faltar inteligência e compromisso com o público.

O governo anunciou que pretende habilitar uma rede pública nacional de rádio e televisão. A proposta é mais do que oportuna desde que se a faça com o critério de serviço público. Já era tempo de oferecer para nossa população alternativas de programação melhor do que a alienação que nos vem pelas redes privadas.

Na atual conjuntura o Brasil comporta ter não só uma rede nacional pública como também emissoras públicas transmitindo para o exterior, para os mais de dez milhões de brasileiros que emigraram por falta de alternativa de trabalho no país. Estaria também fazendo promoção do turismo e promovendo maior intercâmbio comercial. Proposta bem mais ética que a dos Estados Unidos que usam as ondas para agredir outros povos.

### Intervenções...

1963, que culminou com a rebelião constitucionalista de Francisco Caamaño Deño. Em 1965, Estados Unidos promoveram uma invasão de 35 mil soldados. O governo Castelo Branco, além de contribuir com recrutas enviou o almirante Panasco Alvim para comandar as tropas interventoras. De novo o pretexto foi combater o castro-comunismo, mas o que realmente estava em jogo eram interesses dos Estados Unidos na produção açucareira.

#### Panamá

Em 1981 foi morto Omar Torrijos, líder da revolução social iniciada em 1968 que culminou com a recuperação da soberania do país sobre a Zona do Canal. Morto Torrijos sobreviveu o torrijismo, presente na Força Armada e no Partido Revolucionário Democrático. Seu sucessor no comando da Força, general Antonio Noriega, sem a mesma habilidade política, não cedeu as pressões para não cumprir com os tratados. Então, Estados Unidos invadiram o país com uma força desproporcional, causando inúmeros mortos civis, principalmente na juventude. O pretexto, desta vez, foi o combate ao narcotráfico.

#### Chile

O Chile passou por um curto período de democracia com o governo de Eduardo Frei, da Democracia Cristã, que não alterou as condições sociais. Depois de participar de quatro eleições, finalmente o médico Salvador Allende, do Partido

***Continua***

## Intervenções...

Socialista em 1970 foi eleito presidente para cumprir com um programa de governo da aliança partidária Unidade Popular. Uma das primeiras medidas de seu governo foi recuperar para o Chile as minas de cobre, principal riqueza do país, e promover o bem estar dos trabalhadores. Em setembro de 1973 deu-se o golpe que contou com a participação e patrocínio dos Estados Unidos e a morte de Allende, de muitos chilenos e também de outras nacionalidades que viviam no Chile. Instaurou-se a ditadura do general Pinochet, uma das mais sangrentas de nossa América.

### Cuba

Em 1961, a pretexto de recuperar empresas estadunidenses que haviam sido expropriadas, os EUA patrocinaram a invasão mercenária que desembarcou em Playa Girón. Soldados e povo armado comandados por Fidel Castro frustraram a invasão. Foi a segunda grande derrota militar dos Estados Unidos em território de nossa América. A primeira foi infligida pelo general Augusto César Sandino, na Nicarágua, em 1933, que com 3 mil homens, depois de seis anos de lutas, fez com que 12 mil marines voltassem para suas casas.

### Nicarágua

Em 1936 os Estados Unidos voltaram e instauraram o domínio do clã Somoza que seria derrocado em 1979 com a vitória da Frente Sandinista de Libertação. Vitória que duraria pouco, pois mercenários financiados pela CIA impediram a consolidação do governo revolucionário.

## Os lucros da Vale do Rio Doce

A Vale do Rio Doce foi vendida por US\$ 3,1 bilhões (cerca de US\$ 3,338 bilhões na época) para um consórcio liderado pelo Bradesco e Companhia Siderúrgica Nacional. Contudo, no momento da venda, a empresa tinha, em caixa, R\$ 700 milhões. Isso que dizer que os compradores levaram imediatamente de presente um descontinho de R\$ 700 milhões. Na realidade pagaram cerca de R\$ 2,6 bilhões. Privatizada à revelia da Nação, em maio de 1997, foi paga com moeda podre, sem que ninguém apurasse quem e quanto houve de corrupção. Com receita de R\$ 46,7 bilhões teve

um lucro de R\$ 13,43 bilhões em 2006. Exportou US\$ 8,7 bilhões líquidos.

Abertura do capital, novos sócios, fusões e aquisições, hoje a CVDR é a segunda maior mineradora do mundo, porém é uma transnacional como outra qualquer, o que vale dizer, sem pátria.

Antes de privatizada a CVRD era campeã em financiamento de pesquisa nas universidades brasileiras. Hoje iguala-se as maiores predadoras, poluindo rios, expulsando índios e camponeses de suas terras.

Os dados do gráfico foram capturados no sítio da empresa.

| Séries Históricas<br>(BR GAAP)                        |       |       |       |       |       |
|---|-------|-------|-------|-------|-------|
|   | 2000  | 2001  | 2002  | 2003  | 2004  |
| Lucro líquido (R\$ bilhões)                           | 2.133 | 3.051 | 2.043 | 4.509 | 6.460 |
| Investimentos (US\$ bilhões)                          | 1.602 | 1.537 | 1.843 | 1.988 | 1.956 |
| Exportações minério de ferro e pelotas (milhões de T) | 79,6  | 90,0  | 105,1 | 116,5 | 140,4 |
| Exportações consolidadas (US\$ bilhões)               | 3.016 | 3.297 | 3.173 | 4.229 | 5.534 |

### Novos recordes nas safras de grãos

A safra de grãos de 2007 deve chegar a 129,6 milhões de T., 11% a mais que a safra recorde de 2006. Só a soja responde por 55,7 milhões de toneladas, ou 43,8% do total, 7,5% mais que a anterior.

### Novo ciclo da cana-de-açúcar

A safra na região centro-sul, alcança 415 milhões de T. Moida a cana, serão produzidas 25 milhões de toneladas de açúcar e 18,5 bilhões de litros de álcool. 3,6 bilhões de litros serão exportados.

## Boal justifica porque votou no Lula

Em carta pública que circulou pela Internet, o teatrólogo Augusto Boal, justifica seu voto em Lula nas eleições de 2006. Pela importância do autor e do conteúdo e por ser ensinamento histórico, reproduzimos.

Caros Companheiros,

Eu quero lembrar àqueles que são da minha idade - e quero revelar aos menorzinhos -, que errar faz muito bem à saúde... desde que se aprenda. Nós aprendemos muito, aprendemos que não podemos continuar errando os mesmos erros que erramos no nosso passado político. Nunca mais os erros de 64: nunca mais a divisão.

Como cada um de nós é uma unicidade, é natural que, mesmo quando pensamos a mesma coisa, pensemos essa mesma coisa de forma diferente. Cada gêmeo, cada família, cada torcedor de um mesmo time, cada membro de uma mesma associação antifascista, cada militante de cada partido político de esquerda, por mais que tenha, com os demais, um sólido denominador comum, pensa de forma diferente a mesma coisa igual. Isso é maravilhoso, é assim que se avança: cotejando opiniões, dialogando entre companheiros, manifestando dúvidas e hesitações.

Mas tem um porém: vezes há em que o combate se dualiza e o mundo se divide em duas metades: não existe terceira metade, não existe a terceira margem do rio. É lá ou cá. É este esse momento: ou cá ou lá!

Em 1964, a esquerda se dividiu em ALN, PC do B, Var-Palmares, MR8, PCR e outros: um mais à esquerda, outro menos à esquerda; um, um pouco mais ou menos à esquerda, outro menos ou mais; uma esquerda assustada, timorata e temerosa, outra afoita, destemida e corajuda. Eram tantas divisões e dissidências, dissidências das divisões e divisões das dissidências, divisões das divisões e dissidências das dissidências, que, nós, a maioria, que éramos todos contra a ditadura mas estávamos divididos, atomizados, nós fomos vencidos. Todos. Perdemos para uma ditadura sólida, que também tinha nuances, inimizades, conflitos econômicos, mas que eram todos ditadores.

Hoje, só eu penso como eu, só Lula pensa como Lula, só cada um de nós pensa como cada um. Mas, mesmo pensando diferente, todos pensamos a mesma coisa: temos que derrotar esses adversários. Não para que sejamos os vencedores, - não há medalhas a distribuir, nem taças nem troféus - mas para que vença o povo brasileiro. Não por nossa causa, ou não apenas, mas pela causa dos países irmãos nossos vizinhos, pela causa dos países escravizados da África e de toda parte, globalizados, fagocitados pela potência hegemônica que dissemina a guerra inclemente e a pilhagem desavergonhada. Não por nossa causa, ou não apenas, mas pela causa dos pobres e miseráveis brasileiros e do mundo inteiro, inclusive dos países ricos, pois que lá também existem oprimidos, humilhados e ofendidos.

*Não somos nós que radicalizamos: é a direita! Hoje, nós estamos diante de uma direita canibal - no sentido figurado, pois come as riquezas do Brasil, privatizando, privatizando, privatizando -, e no sentido literal, como aconteceu domingo no Leblon, quando alguns fascistas comeram um dedo de uma militante petista. E tiveram a sem-vergonhice de dizer que o comiam para que ela tivesse no corpo a marca do Lula... E eu digo: se fosse necessário marcar no corpo a sua ideologia, então a direita teria que cortar, não um dedo, mas a cabeça.*

Eu não quero dizer nem peço, eu não peço nem penso que devemos esquecer as diferenças que temos. Temos que vencer a direita, sim, mas temos que continuar mobilizados depois da vitória.

*Para vencer a direita não basta que nele votem todos os que são de esquerda; é preciso que toda a esquerda vote no Lula, mas é preciso também que votem nele todos aqueles que não são de direita: são esses que devemos conquistar. Temos que votar e multiplicar!*

Na primeira posse de Lula houve um acidente e um incidente que ficaram gravados nos olhos da minha memória. O acidente foi o carro onde estava Lula quando ia tomar posse. O calhambeque, bonito carro de coleção, subia uma ladeirinha quando morreu o motor. O risco era que voltasse tudo pra trás, ladeira abaixo, com Lula dentro. O povo, o querido povão que estava lá, não hesitou: empurrou o carro que subiu ladeira acima e o povo ficou só olhando o carro que se afastava.

Depois da posse, aconteceu o incidente: o povo queria ver de perto, abraçar o presidente, mas tinha pela frente um espelho d'água. Outra vez o povão não hesitou e, vestido como estava, mergulhou n'água, e foi lá para o palácio encharcado, pingando peixinho dourado, foi abraçar Lula, ou ver de perto.

Hoje, mais uma vez, mais do que nunca, não podemos hesitar: temos que mergulhar no espelho d'água, temos que empurrar o carro montanha acima, e temos que continuar empurrando depois da vitória, empurrando sempre, porque não é justo deixar que um homem só faça o trabalho que compete ao povo inteiro.

Nossa maior emoção política foi no dia em que paramos de gritar Lula Presidente e pudemos gritar Presidente Lula. Ele foi eleito, mas fomos nós que gritamos.

Lula, nós sempre estivemos do teu lado e, hoje, mais do que nunca, estamos com você! Mas de nós, Lula, você nunca mais vai se livrar. Assim seja!

## Cannabrava também justifica o voto em Lula

### Carta resposta ao Boal, que também circulou na web

Vou votar no Lula porque é a única opção. Qualquer coisa é melhor que o sacripanta preferido da nossa oligarquia. Que tristeza! Seu texto (a carta do Boal, na pág anterior) fez aflorar algumas elucubrações.

Em 1964 a esquerda se dividiu menos do que está dividida hoje. E depois, mesmo dividida, cada fração perseguia o mesmo objetivo que era o fim da ditadura militar, expressão autoritária da ditadura da oligarquia predadora de sempre e das cassandras da UDN.

É a partir do objetivo conquistado que a coisa se complica. A partir daí já não se aceitam mais as diferenças. Sindicalistas, operários, intelectuais, muita gente honesta e desonesta juntas pensam que o mundo, que a história, a sociologia e tudo o mais começaram em São Bernardo. Renegam a nossa história, demonizam nossos próceres, dividem o movimento operário-sindical, divide-se a grande frente patriótica. Isso de um lado.

De outro lado, o agravamento das conseqüências do modelo de desenvolvimento: o consumismo como bem supremo; a concentração da riqueza em mãos dos poucos; a exacerbação da marginalização dos muitos; a mercantillização da educação, da saúde e outros serviços básicos; a cultura de massa, ou melhor, a alienação; a lei de Gerson (levar vantagem), cada um a olhar unicamente o próprio umbigo.

É provável que essa "grande frente patriótica" fosse só uma possibilidade, uma utopia na cabeça de alguns, mas, existia. Existia na cabeça daqueles que continuavam acreditando que outro modelo é possível. Este é o cenário em que vai se desenvolver esta atual República (que número lhe daremos?). Até que se dá a posse do Lula. Aquele espetáculo reacendeu a chama da esperança. Era a hora da mudança. Era hora de reconstruir a frente patriótica em torno de um projeto de desenvolvimento, um projeto de país, uma idéia de democracia participativa.

Alguém disse: "quando se perde o bonde da história é para sempre". Perdeu-se. Para os protagonistas que o perderam, certamente foi para sempre. Não o é para o povo nem para a história. No entanto, reconstruir esse cenário de possibilidades vai demandar muito tempo. E, mais difícil do que reconstruir o cenário, a oportunidade, será obter os novos atores.

Não sei, meu caro. Essa esquerda que nasceu escindida esfacelou-se num processo puramente autofágico. Veja o que aconteceu com os oriundos do velho PCB e das organizações armadas. Esfacelaram-se em mil pedaços. Tem gente que foi da ALN, por exemplo, tanto no governo FHC/Alkmin como no governo Lula. Faz algum tempo ouvi de alguém da cúpula petista: "esse partido não precisa de oposição; o processo autofágico é mais demolidor, mais eficaz que qualquer oposição". Foi.

Parece-me óbvio que foi. Era impressionante ver como dentro do governo um queria comer o rabo do outro. Foi assim durante o governo e, não satisfeitos, quase que liquidam com a campanha da reeleição. É, meu caro... Corremos sério risco do sacripanta do Opus Dei ser eleito. Só se surpreendeu com o desempenho dele quem não conhece a índole dos paulistas, principalmente do interior, o primeiro mercado consumidor do país. O poder que emana de São Paulo é muito grande.

Boa parte da classe média paulista que votava e/ou votou no Lula é historicamente udenista. O PT encarnava a proposta higienizadora da velha UDN. Agora quem encarna essa idéia, aqui, é o sacripanta. E a classe média faz a cabeça de boa parte do povão. É impressionante ver a quantidade de pessoas simples, exploradas por seus patrões, com o mesmo discurso udeno-moralista, fazendo proselitismo contra a reeleição. E qual a contrapartida? Acordos com Blairo Magi, com Sarney, Maluf... Isso confunde e divide ainda mais as tribos.

A vitória do PSDB, além de retrocesso, além dos riscos para o futuro do país, é um risco ainda maior para países como Bolívia, Venezuela e demais vizinhos que estão empenhados em construir uma democracia própria. Mesmo que perca a eleição para presidente, o PSDB sai vitorioso dessa eleição. Muito voto! Muito voto em muitos estados importantes como São Paulo, Minas e Rio Grande do Sul. Eles saem com o ego reforçado e com muita munição para continuar a guerra psicossocial. Uma guerra para a qual é preciso muita sabedoria, muito dinheiro, muito poder.

Se não foi fácil a governabilidade no primeiro mandato, será também difícil no segundo. Nossa oligarquia não é suicida. Nunca foi. Ao contrário, nos últimos 500 anos tem dado demonstração de que sabe agir na hora certa, sabe como manter o controle sobre os centros de decisão. E nós, à esquerda, temos demonstrado grande capacidade de autofagia, atomização e incompetência.

A conspiração está aí. Então, o grande desafio não é ganhar a eleição. É o dia seguinte. E é preocupante quando se vê que não se fez uma campanha em torno de um programa. Não se aproveitou a campanha para fazer uma frente em torno de um programa, em torno de um projeto. Contudo, ainda é tempo. A única chance para o Brasil se desenvolver, ir pra frente, é formar uma grande frente em torno de um projeto nacional. Uma frente com as organizações populares e com os partidos políticos. Um governo popular tem condições, tem o dever, de transformar a energia da vitória em energia aglutinadora. Este não o fez em 2002. Fa-lo-á agora? Sem transformar a empolgação das massas em mobilização, sem uma frente de salvação nacional o próximo governo sucumbirá à própria debilidade, ou seja, repetirá a mesmisse.

Cannabrava - Outubro de 2006.

## As perversidades do modelo atual

Publicado em todos os jornais: lucro líquido de 48 bancos em 2006 foi de R\$ 27,5 bilhões, 3,6% mais que no ano anterior.

O lucro líquido de três bancos: Bradesco, Itaú e Unibanco, foi de 15,04 bilhões. Na realidade, o lucro verdadeiro desses três bancos foi 17,9% maior. A diferença de 270 milhões foi utilizada para amortizar a compra de novos bancos, aumentando a concentração de poder e riqueza no setor: a compra do BankBoston pelo Itaú, do American Express e Banco do Estado do Ceará pelo Bradesco. O HSBC Bank Brasil lucrou R\$ 946.7 milhões. Os maiores lucros dos bancos estadunidenses foram obtidos por suas agências aqui no Brasil.

Num estado capitalista democrático isso não seria permitido. O correto seria dirigir esforços para aumentar a competitividade. Quanto mais bancos na praça, maiores chances de ter baixa nos custos dos serviços oferecidos, principalmente crédito.

Fica a impressão de que o governo não sabe o que fazer com o setor bancário que há décadas atua com irrestrita libertinagem. É de se supor que se o país fosse governado por um partido, ou uma aliança partidária feita em torno de um projeto nacional, saber-se-ia o que fazer com o sistema bancário. E não se trata de estatizar.

Trata-se, simplesmente, de se ter regras de jogo que priorize o capital produtivo sobre o especulativo. Regule-

se. A começar pelos spreads, esses sim, os mais altos do mundo. E as remessas de lucros, dividendos, royalties e outras sangrias sem controle algum de bilhões que também poderiam ser investidos no desenvolvimento.

Num país em que o déficit habitacional está em torno de 10 milhões de unidades, dez bilhões de reais que fossem dirigidos para carteira de crédito imobiliário para a classe média daria para 100 mil empréstimos de R\$100.000,00 para compra ou reforma de casa própria. Outros dez bilhões, caso dirigidos a uma carteira para concessão de créditos de R\$ 50.000,00 para

habitação popular, daria para construir 200 mil casas dignas, com toda infra-estrutura necessária.

Em dez anos se resolveria o déficit habitacional e se garantiriam empregos diretos e indiretos para cerca um milhão de trabalhadores.

Sendo a construção o setor produtivo que emprega maior quantidade de mão-de-obra não qualificada, através de incentivos fiscais o governo poderia obrigar as empreiteiras a oferecer programa de alfabetização seguido de cursos de formação e capacitação técnica para os trabalhadores, ministrados no próprio canteiro da obra.

## Os juros despencaram de 25% para 12%

A taxa de juros (Selic) vem caindo sucessivamente e chegou ao patamar mais baixo nos últimos 30 anos. Contudo, é difícil e pouco provável que chegue a 12% até o final do ano, ou em torno de 7%, descontada a inflação. Mesmo assim continuaria sendo uma das mais altas do planeta, atraindo enxurrada de capital especulativo.

Os empresários atacam o BC e pedem sua autonomia, como se já não fosse autônomo esse órgão que dita a política para o governo e não vice-versa. Os diretores da Fiesp reclamam dessas altas taxas. Eles querem, e é necessário, normalizar e estabilizar os juros

em torno de 6% ao ano, como em grande número de países.

A taxa de juros já baixou, nos últimos anos, de 25% para 12%. É bastante significativo! Não obstante, nada aconteceu de diferente na economia. Por acaso diminuíram as taxas dos financiamentos para capital de giro? Para desconto de duplicata? Nem as taxas do BNDS são suportáveis para empreendimentos.

Se nada aconteceu é porque o buraco é mais embaixo. Os spreads bancários continuam pornográficos, as remessas de lucro, de juros e dividendos liberticidas. Mas nem a própria Fiesp enfrenta os bancos, só reclama.

## Para onde vão os dólares dos superávits?

Os empresários também reclamam que o dólar está muito desvalorizado, prejudicando a colocação de seus produtos no exterior. Mas não apontam qual deve ser a política cambial ideal para o país.

O que está a ocorrer é um grande fluxo de dólares para lucrar com os juros fáceis e elevados e outro grande fluxo resultado de uma economia voltada para as exportações. Segundo as regras do livre mercado que tanto alabam os empresários, com tanto dólar entrando, como manter seu valor? Se o dólar está desvalorizado no mundo inteiro, como manter aqui o seu valor? E qual é o seu valor? O que determina o seu valor? Qual a política cambial melhor para o país?

Para manter a cotação do dólar o governo compra a moeda no mercado cada vez

que há, digamos, saturação na oferta. Com essas compras mais os superávits da balança comercial o BC acumulou reservas que em março ultrapassaram 100 bilhões de dólares. E o que o governo faz com esse dinheiro? Compra títulos do tesouro estadunidense! Em suma, financiamos a deficitária economia dos Estados Unidos. Parece crível?

O modelo exportador não vai mudar. Não há nenhuma proposta sobre a mesa propondo mudanças de rumo na economia, muito menos no modelo de desenvolvimento. Às commodities já na pauta de exportação se somará exportação em massa de bioenergéticos. Mais dólares engrossarão a enxurrada que empurrará ainda mais para baixo seu valor. É bem provável que tenhamos dólar a dois reais

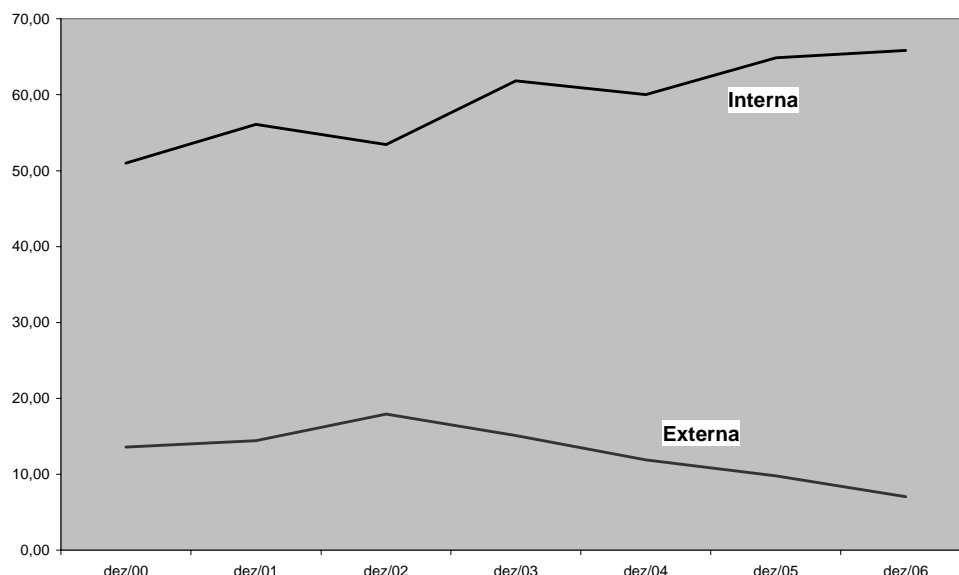
antes do final de 2007. O que fazer com essa avalanche de dólares?

Como quem comercializa as commodities são as transnacionais, a maioria com sede nos EUA, logo elas estarão pleiteando a dolarização. Como foi feito no Equador, maior exportador mundial de banana que também exporta petróleo bruto, café, cacau e minério. Esse é um risco real para nosso futuro tal como os fatos estão a ocorrer.

As universidades e os institutos, no lugar de recitar as receitas forâneas deviam mobilizar a inteligência nacional para discutir e traçar a melhor política cambial para o país. E todos sabemos que a política cambial deveria inserir-se na estratégia de desenvolvimento necessária.

## A dívida externa foi zerada, em compensação, a interna multiplicada

Dívida do Setor Público (% PIB)



## O mercado interno virou tabu: gera inflação

A dívida externa esteve em torno dos absurdos 50% do PIB. Sangrava-se cerca de 14% do PIB para pagamento da dívida, juros e dividendos. Havia uma gritaria contra a dívida, justa até certo ponto, pois esses recursos não produziam riqueza.

Pois bem. Hoje a dívida externa está praticamente zerada, em torno de 7% do PIB. É o mesmo que não haver dívida externa. O que mudou na economia com isso? Melhorou? Piorou? Hoje, no lugar da dívida, temos reservas que superam os US\$ 100 bilhões, em torno de 5 a 7% do PIB. Quais os resultados? Para que servem?

O que se vê é que está servindo para financiar o déficit dos Estados Unidos já que com esses recursos se estão comprando títulos do tesouro daquele país.

Zerou-se a dívida externa. Por outro lado, em 8 anos, a dívida interna que era de 52 bilhões de reais passou para 800 bilhões em 2002 e para um trilhão em 2006! “Uma irresponsabilidade pouco conhecida na história da humanidade”, avalia o economista e professor Theotônio dos Santos.

Ocorre que o governo continua alimentando a ciranda financeira, dando lucro para os investidores. Veja-se o absurdo dos lucros dos bancos. Quem mais contribuiu para esse lucro? Certamente os papéis do governo.

Dívida externa se contrai para financiar desenvol-

Só um projeto de  
salvação nacional  
levará a um  
desenvolvimento  
sustentável

vimento, já que a poupança interna é insuficiente. E é perfeitamente administrável. Com o nível de reservas que temos, poder-se-ia tranquilamente emprestar até US\$ 150

## Temos superávit... para que?

Junta-se ao já exposto, outra falácia, ou, perversidade. Diz-se que o governo gasta demais, que é preciso continuar a enxugar a máquina pública. Não é verdade que gastamos mais do que arrecadamos. A prova disso é que temos superávits seguidos, em torno de 4% a 5% do PIB. Para que? Se não gasta mais do que arrecada, qual é o problema? O problema é que gasta mal.

Deixa-se de investir na produção para fazer superávit só porque os investidores querem garantia para seus lucros fáceis. Outra loucura difícil de ser assimilada.

Vê-se que o problema não é a dívida externa. Vê-se também que a inflação está controlada, o câmbio vai bem, obrigado, temos safras recordes, superávits recordes. Porque não funciona?

O problema é onde e como se aplica o dinheiro. Na

bilhões para financiar infraestrutura, indústria de base, em suma, desenvolvimento gerador de empregos. Não o fazem porque para os economistas de plantão gastar dinheiro internamente gera demanda e produz inflação. O mercado interno virou tabu: o mostro gerador de inflação,

Não temos dívida e o governo emite títulos para endividar-se, fazer reservas, financiar o déficit estadunidense e alimentar a ciranda financeira. Sem dúvida um negócio de loucos.

realidade o problema está no modelo de desenvolvimento imposto, e é isso que precisa ser mudado. E nosso maior drama é não haver propostas alternativas.

O País já teve política industrial e isso nos levou a 7ª. Posição no ranking mundial. Hoje, qual a política industrial?

Queixam-se nossos empresários de que uma de cada quatro empresas nacionais sofrem concorrência das chinesas, principalmente nos setores informática, têxtil, vestuário, equipamentos hospitalares e de precisão, calçados e brinquedos. Na realidade, hoje, tem-se a impressão de que tudo que se compra é “made in China”

No entanto, os empresários não se queixam de que essa política substituiu nossa burguesia por um estamento gerencial. Tudo para ganhar dinheiro fácil.

Taxa de Investimento ainda é insuficiente

O IBGE, em novo cálculo, mais realista, diz que a taxa de investimento atual está em torno de 16,3% de um PIB de R\$ 2.1 trilhões.

O Brasil estaria com crescimento confortável com taxas de investimento em torno de 30% do PIB, pelo menos. Dentro desse contexto, 14% seria a taxa ideal para investimento na indústria da construção, sabidamente o setor da economia de maior capacidade de reprodução, mais que a indústria automobilística há décadas encarada como carro-chefe da política industrial.

O setor da construção, é o que emprega maior número de mão-de-obra não qualificada – que é o que mais temos – e tem a capacidade de movimentar todos os demais setores da produção - da extração mineral à delicadas manufaturas, inclusive obras de arte.

Uma casa, por exemplo, além do material que demanda para sua construção, ao ser habilitada como residência demanda um número infinito de novos produtos e, todos podem ser produzidos no Brasil.

## O pacote de janeiro será bom, se funcionar

A palavra de ordem entre os governistas é, aprovado o pacote de janeiro, criar as condições que o viabilizem, isto é torná-lo realizável. E todos sabemos ser factível.

Não se trata de um plano estratégico que levará o país a uma sociedade de pleno emprego. São metas, com alguns objetivos estratégicos, como na área energética, metas que sem dúvida ajudarão a impulsar o desenvolvimento.

É importante, pois tem sim a capacidade de romper a inércia, de sacudir o marasmo.

Para não ir muito longe na história, os 12 anos com os Fernandos entreguistas, de privatária e desnacionalização, não moveram o crescimento da estaca zero. Então, os áulicos da submissão estão agora preocupados, pois, se o pacote der certo, ficará mais uma vez provado que sem ingerência do estado o país não cresce.

Caso se deixe ao livre arbítrio do capital manter-se-á o crescimento da riqueza dos mais ricos e o aumento da exclusão, a hegemonia dos monopólios e o agravamento da tensão social que já está à beira do limite.

Cabe perguntar: até onde vai a paciência dos excluídos? Até onde os programas paliativos segurarão a tensão social?

Sim, é sabido e aceito que não basta dar o peixe, é preciso ensinar a pescar.

Cabe então lembrar que os

rios das bacias paulistas, por exemplo, com raras exceções, já não têm mais peixe. E cabe perguntar: até onde se está comprometendo a fauna e a flora com o desbravamento desordenado de nossas fronteiras agrícolas?

O pacote de janeiro não passa de uma boa sistematização do programa de gastos do governo, contido no orçamento, e dos investimentos das estatais.

É claro que vai fazer bem ao país. Depois de tanto tempo de ausência, o estado investir, ainda que pouco, é algo, e vai produzir reflexos. Não se atira pedra em água sem que se produza marola.

O que Lula não fez no primeiro mandato para poder governar minimamente, está fazendo agora, no segundo, que é a aliança com o PMDB, ainda o maior partido do país.

Como não há um plano estratégico de desenvolvimento nacional, integrado e sustentável, faz a aliança para executar o pacote de janeiro. E, o que é mais visível, repartindo cargos e funções, alimentando o fisiologismo crônico dos políticos nacionais.

O que o Lula não fez no seu primeiro mandato e não fará no segundo, decepcionando alguns, são as reformas necessárias e a mudança de rumo no modelo.

O país continua precisando de um projeto nacional, uma estratégia de desenvolvimento sustentável.

## É preciso salvar o planeta terra!

O mundo parece que se deu conta de que, caso não se adotem medidas drásticas e urgentes para controlar a poluição em 50 anos, a atmosfera do planeta estará irrespirável. Isso sem contar os danos causados pelas mudanças climáticas, tais como: mar invadindo cidades litorâneas, desertos substituindo áreas antes de floresta ou de cultivo, países em guerra para captura de água!

Esse cenário apocalíptico tem sido mostrado como espetáculo pela mídia, ou, em pequenas partes, como fatos isolados, fora de contexto. Não se apotam as verdadeiras causas e consequências nem as responsabilidades. E o que é pior, não sensibiliza nem mobiliza a sociedade.

Aqui, setores há que estão eufóricos ante a possibilidade de ganhar mais dinheiro com o agronegócio: fornecer combustível renovável e não poluente para grande parte do mundo dito civilizado. Corroborou a euforia o anúncio de que o governo dos EUA deu um prazo para a frota estadunidense usar mistura de 20% de álcool na gasolina.

A revista Época (16//10/06) informou que caso se multiplique por 100 o uso de álcool combustível ter-se-ia redução de 15% nas emissões de carbono.

Uma leitura unilateral leva a boas conclusões. Vamos substituir o petro-diesel pelo bio-diesel, a gasolina pelo álcool; temos terras para

Cidades como São Paulo estão ameaçadas de ficar sem água

produzir excedentes exportáveis desses nobres produtos. Assim estaremos contribuindo para salvar a humanidade do fim do mundo.

Uma outra leitura desses fatos, conduz a conclusões deveras preocupantes.

Basta ver o que está a ocorrer nas terras agricultáveis, notadamente nas áreas de expansão de nossas fronteiras agrícolas. A ocupação predatória do território, iniciada a machado e facão, continuada com trator e corrente, tende a apressar a degradação das terras e dos mananciais.

Cidades como São Paulo e Nova York estão ameaçadas de ficar sem água potável. Até mesmo um Bush pode entender que esse é um risco real. No entanto, sabemos que a sociedade estadunidense prefere a guerra a mudar minimamente seu way of life. Até o armagedão, se a humanidade não demovê-la e, ela mesma, mudar de rumo. E nossas sociedades querem seguir pelo mesmo caminho.

Há que haver uma revolução cultural global para salvar o planeta e seus habitantes. Temos que fazer a nossa parte, como brasileiros, nessa revolução.

É certo que o Brasil tem condições de solo e de clima para ser o celeiro do mundo. E também para dar uma grande contribuição no fornecimento de combustível alternativo.

A quantidade de grãos produzida no mundo é suficiente para alimentar a humanidade. Enquanto crianças morrem de fome na África ou na nossa periferia, uma criança, na Califórnia, ou aqui nos bairros jardins, come sete vezes o necessário para uma boa nutrição.

Isso ocorre porque três ou quatro grandes corporações transnacionais controlam 90% do comércio internacional de grãos. Impõem preços baixos aos produtores e altos aos consumidores. Levam nossa matéria prima, vendem-nos os manufaturados.

O bio-combustível renovável pode ser bom. Mas seu custo não pode ser o desmatamento indiscriminado, o assoreamento dos rios, as queimadas.

A fome por combustível, seja renovável, alternativo ou fóssil, seguirá insaciável caso se mantenha o modelo de desenvolvimento exportador impulsionado pelo capital especulativo, que privilegia a indústria automobilística e o sonho do consumismo exacerbado.

Não haverá mudanças com esse combustível controlado pelas mesmas transnacionais que controlam as demais commodities. E é o que já se está configurando no Brasil.

## Reforma Agrária X Política Agrícola

Xico Graciano publicou no Estadão e reproduziu no seu sitio na Internet alguns dados que incitam à reflexão. Se não, vejamos:

*Nos últimos 12 anos, mandatos de FHC e Lula, foram assentadas 912 mil famílias, quase 400 mil na gestão Lula. Somando os governos anteriores chega a um milhão o número de assentados.*

*O Brasil tem 5 milhões de estabelecimentos rurais. Os assentados representam 20% a mais.*

*A Reforma Agrária distribuiu 51,4 milhões de hectares em 12 anos. No total, durante a Nova República, 60 milhões de há.*

*Toda a área explorada no Brasil chega a 62 milhões de há. A safra nacional, recorde, ocupa 45,5 milhões de ha.*

*São Paulo cultiva 6,5 milhões de ha. A safra nacional, neste ano, está plantada em 45,5 milhões de ha. Somando-se os cultivos permanentes, toda a área explorada chega a 62 milhões de ha.*

*Basta confrontar os números. A descoberta é surpreendente. A reforma agrária já tem o mesmo tamanho da agricultura tradicionalmente realizada no país. Na área agrícola, os sem-terra já empatam com os com-terra. E ainda tem gente, incrédula, pensando que a reforma agrária não anda.*

*Pergunta-se: qual a produção agrícola dos assentamentos rurais? Quanto contribuem para a safra nacional? Pasmem,*

*A reforma agrária  
já tem o mesmo  
tamanho da  
agricultura tradicional*

*ninguém sabe. Parece mentira, mas nunca se aquilatou o resultado produtivo da distribuição de terras. Beabá em economia, a relação custo-benefício jamais foi calculada.*

*As despesas do processo, apenas na última década, devem atingir R\$ 50 bilhões. Também aqui, a conta é incerta. Nunca o Incra calculou, pra valer, o custo total dos assentamentos, incluindo a desapropriação, implantação e os subsídios no financiamento. Transparência zero.*

### **Já foram assentadas meio milhão de famílias**

*No sitio do MST temos a seguinte informação:*

*Na propaganda oficial, publicada em maio/1997, o governo continuava dizendo que teriam sido assentadas 322.989 famílias no total no período de 1964-1996. E orgulhava-se de ter assentado, em dois anos, 104.956 famílias, cerca de 50% do que os demais governo teriam assentado em 30 anos.*

*Mas o Censo das universidades encontrou apenas 156.778 famílias, o que demonstra que, se comparado apenas com os projetos de assentamento, existem na*

*verdade 62% das famílias anunciadas pelo INCRA, e se comparado com o somatório de projetos de colonização e assentamentos, encontra-se apenas 48%.*

*Ainda no sitio do MST informam que:*

*De 1979 a 2000 foram assentadas 569.733 famílias em 5.200 assentamentos ocupando área de 25.6 milhões de ha.*

*Informa também que em 2005 haviam 127.872 famílias acampadas em 778 acampamentos e que em 2006 já superava 150 mil o número de família. Número recorde desde 1990. Um crescimento de 1.050% no número de famílias de 650% no número de acampamentos.*

*No início da década de 1980, já se começou a entender que o problema no Brasil não é de reforma agrária e sim de política agrícola. A primeira reação a essa idéia, principalmente de militantes da esquerda e demais setores engajados na luta pela reforma agrária, era no mínimo irada.*

*Na mente das pessoas está demasiadamente enraizada a questão da propriedade. Reforma agrária, depois de séculos de reivindicação, virou tabu.*

*A reivindicação por terra busca materializar esse sonho que é - como o sonho da casa própria - uma questão cultural, para não dizer, uma deformação cultural de um sistema que privilegia a propriedade privada dos meios de produção.*

## A revolução contra os incas

Na década de 1970, tendo vivenciado as realidades e lido bastante sobre a história e a sociologia dos demais países latino-americanos, escrevi uma reportagem intitulada “A revolução contra os incas”. Nesse quase ensaio, publicado em suplemento que o Newton Carlos editava no Correio da Manhã, mostrava que a primeira reforma agrária em solo americano, realizada no Vale do Mantaro, em Huancaico, Peru, no século XVI, resultou, séculos mais tarde, em famílias de camponeses donas de um sulco de arado.

No reinado de Felipe II foi vice-rei do Peru (1569/1581) Francisco de Toledo. Foi quem iniciou a liquidação do modo de produção comunitário do povo huanca, introduziu a propriedade fundiária e a mita. Em outras palavras, introduziu a propriedade da terra, para assim poder tributar e, introduziu o trabalho “assalariado” (trabalhar para o colonizador, para o dono da mina) a mita, para poder controlar.

A mita originalmente era um sistema inca em que a população dedicava parte de seu tempo e força de trabalho para realizar obras comuns, como caminhos e templos. O conquistador espanhol aproveitou e desvirtuou fazendo com que a mita passasse a servir a seus interesses, principalmente na exploração mineral.

Alguns séculos depois, a revolução de 1956, na Bolívia, liderada pelo Movimento Nacionalista Revolucionário,

fez uma reforma agrária parecida à de Toledo. Em algumas regiões, os latifundiários eram donos de terras, gado e gente. Apesar do trabalho semi escravagista, as comunidades indígenas mantinham nessas terras o modo de produção inca que garantia a alimentação das comunidades.

A pretexto de liquidar com o latifúndio o governo revolucionário liquidou com o modo de produção tradicional e criou uma pequena-burguesia agrária de pequenos proprietários de terra. A débâcle da produção acarretou severas conseqüências no abastecimento de produtos alimentares

### A Lição aprendida

Algumas décadas depois, na revolução dos coronéis, de outubro de 1968, liderada por Velasco Alvarado no Peru, o que se pretendeu com o conceito de Propriedade Social de Produção foi modernizar e dar eficácia ao tradicional modo de produção comunitário.

Aprenderam a lição da história. Por outro lado, onde já estava implantada a agro-indústria, como nas regiões açucareiras, expropriou-se o latifúndio e se entregou a gestão das plantações e das usinas às cooperativas de trabalhadores.

Como resultado imediato, esgotaram-se os estoques de colchões, sapatos e cobertores em todo o país. A prioridade do governo revolucionário passou ser a qualificação intensiva e extensiva dos trabalhadores,

formar os quadros para a gestão do novo modo de produção. O início foi a alfabetização seguida da capacitação técnica. A experiência evoluiu satisfatoriamente até que, através de golpe de estado, se restabeleceu o poder das oligarquias submissas.

### **Na China, mantem-se a propriedade coletiva da terra**

A Assembléia Popular da China aprovou, em março deste ano, a liberação para a propriedade privada nas cidades, mas, não no campo onde continua a valer a propriedade coletiva da terra.

A dimensão continental do Brasil e a grande diversidade de ecossistemas e também os diversos tipos de ocupação territorial requerem que se formule políticas agrícolas que se coadunem com as características de cada ecossistema.

A União tem que ter a visão macro, as diretrizes estratégicas e a definição das políticas. A execução deve ser local, isto é, no município, em consonância com o plano estratégico de cada Estado, dentro do conceito estratégico e das políticas definidas pela União em seu projeto nacional. Assim deveria ser.

Então sim, a reforma agrária fará sentido, poderá ser executada em cada município, de maneira a realizar sua vocação agrícola.

## Oligarquias da terra eufóricas com o acordo Lula/Bush

Deu em manchete no Estadão: *investidores estrangeiros e brasileiros vão aplicar US 14,6 bilhões e construir 336 novas usinas de álcool que, somadas às atuais totalizarão 409 até o final da safra de 2012/2013.*

As matérias, na edição de 4 de março, refletem a euforia do setor. Dão como certo que tudo isso acontecerá. Não acreditam que possa haver oposição nos Legislativos daqui e de lá. Nenhuma observação sobre os riscos do mega-projeto. "Temos terras, portanto, vamos explorá-las". É o que fazem desde 1500, impunemente!

Noticiou ainda o Estadão: a Infinity Bio-Energy, criada há cerca de um ano, com capital de US\$ 350 milhões, comprou três usinas, com capacidade para moer 3 milhões de toneladas, 5,6 milhões de toneladas em 2008. Também já comprou 4 mil hectares para plantar cana no Mato Grosso vai construir 6 usinas em Mato Grosso, Espírito Santo e Bahia e está comprando mais usinas na Bahia e em Minas.

Estão previstos muitos e muitos negócios como esses. Pretendem transformar nosso Brasil num imenso canavial. E isso com a assinatura do presidente-operário-retirante Lula da Silva.

A primeira pergunta a ser feita: quais os riscos? O que é maior, riscos ou ganhos? Quais os benefícios para a população?

Em outra página do mesmo Estadão lê-se: *"A produção de petróleo favorece a concentração de riqueza e poder e, num*

Há que  
perguntar-se:  
quais os benefícios  
para a população?

*momento em que a cotação está elevada, esses regimes de viés autoritário aproveitam para se consolidar", explica Michael Ross, da Universidade da Califórnia, que estuda a trajetória política de países cuja economia é dependente do petróleo. Especialistas como ele se referem à instabilidade econômica e política criada pelo petróleo como "o paradoxo da riqueza" ou, simplesmente, "a maldição do petróleo".*

Quem garante que será diferente com o álcool transformado em commodities?.

Quando os EUA invadiram a Guatemala em 1954, o ex-presidente Arévalo explicou de maneira simples as causas: *"A United Fruit Co não quer pagar um mínimo de imposto pelas nossas bananas que vendem no mundo inteiro enquanto nós não ganhamos nada com ela. É ela que controla as relações entre os dois países"*. Considere-se que banana nem sequer é um produto estratégico.

Deve-se considerar também como, nas últimas décadas, os Dedini, Ometo, Biagi, Blairo Maggi, e outros tantos, transformaram terras agrícolas em oceanos de canaviais. Nunca tiveram o mínimo respeito às populações. Haja vista as queimadas que, apesar

de proibidas, continuam apesando a atmosfera com graves danos à saúde; os mananciais simplesmente desaparecidos; o vinhoto poluindo os rios; o trator arroteando até às margens dos rios, acabando com as matas ciliares.

Até um bio-sistema único no mundo como o Pantanal - vital para manutenção da Bacia do Prata - está ameaçado conforme mostra o Movimento Rios Vivos, criado para tentar frear a sanha predadora dos usineiros.

A região de Ribeirão Preto, das mais férteis no norte do Estado de São Paulo, já foi celeiro com uma produção agrícola das mais diversificadas. Suportou o auge da monocultura do café, depois do cítrico e até mesmo da cana, sem perder essa característica multi. Hoje, mais de 90% dessa área está dedicada à cana.

Uma das maiores usinas da região, em Patrocínio, já tem como sócia a Cargil. Essa corporação estadunidense, atuando em 61 países, já está presente em 180 municípios brasileiros, comercializando entre outros produtos, soja transgênica.

A Usina da Barra, em Barra Bonita, região central de SP, a maior do mundo (mói 36 mil toneladas/dia!), notabilizou-se por despejar vinhoto na represa, impossibilitando o desenvolvimento da piscicultura. O Grupo Conan, proprietário desta e mais 16 usinas já é um conglomerado envolvendo grupos transnacionais europeus e asiáticos (Tate & Lyle, S&D, Kuok Group e Tereos) além da Cargil.

## Reproduz-se-á novo ciclo da cana-de-açúcar

Os barões sucro-alcooleiros jamais respeitaram nossa população. Podemos pensar que as transnacionais, os grandes financistas, terão alguma outra preocupação que não o lucro?

Reproduzir-se-á, com o novo ciclo da cana-de-açúcar, comportamentos como o da Cargil hoje no Pará, por exemplo, que além da devastação para plantar soja construiu um porto no rio Tapajós, em Santarém, sem qualquer preocupação com o impacto ambiental.

Segundo o procurador da República em Santarém, Felipe Fritz Braga, a presença da Cargil *“provocou uma onda frenética de desmatamento. Florestas foram dizimadas, populações foram expulsas seja pela violência ou pela pressão dos grupos econômicos que foram chegando à região. Tudo pela valorização que estas terras receberam, pois potencialmente podem ser exploradas pela agricultura mecanizada da soja”*.

### Por que os EUA invadiram o Iraque?

Talvez a pergunta mais importante a ser feita: por que os EUA invadiram o Iraque?

O que os EUA farão quando suas “mamitas yunay”\* reclamarem que se lhes estão cobrando muitos impostos? Quando disserem que necessitam ganhar mais sem aumentar os custos do álcool nos postos de Nova York? O

Os barões da terra  
jamais respeitaram  
nossa  
população

álcool lá deles é altamente subsidiado.

Para vender nosso álcool lá, os produtores não vão querer pagar impostos aqui para ficar competitivos. E quais as conseqüências nessas terras arroteadas quando a cana perder importância?

O Iraque tem reservas confirmadas de 112 bilhões de barris de petróleo, número que pode dobrar com a introdução de novas tecnologias e abertura de novos poços e igualar-se ao potencial da Arábia Saudita em torno de 245 bilhões de barris. Enquanto a produção saudita é de mais de 10 milhões de barris/dia, o Iraque produz hoje em torno de 2,5 a 3,8 milhões de barris/dia e pode chegar a 6 milhões b/d até 2010. E isso a um custo de extração em torno de 1,5 dólar o barril. Quem compete com isso?

Hoje o Oriente Médio está conturbado e o mundo assustado está correndo por energia alternativa. O que acontecerá quando tivermos um oceano de cana produzindo álcool e a oferta de petróleo do Oriente voltar a ser irresistível? Que garantia pode haver de sustentabilidade de preços? Há que considerar também que os

EUA não terão fôlego para uma guerra de mil anos....

Ah!, mas o petróleo se esgota. Nossas terras também! Ninguém tem terra suficiente para suprir a sede de combustível no mundo de hoje.

Assim, urge buscar outro modelo de desenvolvimento e aplicar recursos na busca de energias alternativas.

### EUA já gastam US\$ 2 trilhões com guerra

Quando em agosto de 2005 o governo Bush pleiteava um adicional de US\$ 45 bilhões para o orçamento de guerra, os EUA já haviam gastado US\$ 240 bilhões no Iraque e Afeganistão. Segundo o Pentágono, seguem gastando em média US\$ 5,6 bilhões por mês, mas não foram capazes de abrigar as vítimas do furacão Katrina.

Dizem os especialistas nas universidades estadunidenses que os gastos com essa guerra podem chegar a US\$ 2 trilhões. Esses recursos, se dirigidos à pesquisa, em quanto tempo não se reduziria o aperfeiçoamento de energias alternativas como a solar, as células de combustível, motores elétricos e o que mais a imaginação humana possa criar?

\* Expressão com que os guatemaltecos se referiam à United Fruit Co.

## Quais as verdadeiras intenções da visita de Bush?

A estratégia da multiplicação das usinas já estava armada antes da chegada do Bush. Ampliar infinitamente o oceano de cana é uma aventura de alto risco, bastante polemica. Mas a mídia tratou como espetáculo, como salvação do país.

Do ponto de vista daquilo que provocou euforia da mídia subserviente e do neo baronato do novo ciclo da cana, nada de novo aconteceu. Todo mundo sabe que os EUA não deixarão desamparados seus agricultores. Mesmo assim, vamos plantar mais cana e tentar vender os excedentes de álcool e açúcar lá, ou na Europa ou no Oriente e, se não conseguirmos, transformaremos tudo em cachaça para embotar ainda mais a consciência de nossa gente.

Para o presidente Lula o acordo Lula-Bush foi "um passo extraordinário". Será que foi por isso mesmo que Bush veio até aqui?

Será que a visita do Bush girou em torno do comércio, álcool, ou tudo foi cosmético para ganhar grandes manchetes no momento em que sua popularidade está mais baixa (15% apoiam a guerra). Diversionismo?

Na agenda paralela, anunciada pelo embaixador Clifford Sobel, é que parece estar o verdadeiro motivo da visita. EUA e Brasil restabelecem os acordos militares e de inteligência, nos seguintes termos:

- ◆ Cooperação entre os serviços de inteligência;
- ◆ Acesso aos cursos e conhecimentos avançados de inteligência;

Por bananas  
EUA invadiram  
a Guatemala.  
O que não farão  
pelo álcool?

- ◆ Direito de análise dos programas de compra de armas – protocolo 505;
- ◆ Troca de dados coletados pelo Sivam. A vigilância exercida pelo sistema deve servir para identificar as novas rotas utilizadas pelos fornecedores do mercado negro de armas para as guerrilhas da Colômbia e do Peru (sic).
- ◆ Reforço nos programas de intercâmbio para jovens. Segundo Bush o objetivo é fazer com que nossa juventude ame o way of life USA.

O Protocolo 505, assinado em 2000, foi ratificado em março de 2005 quando da visita de Donald Rumsfeld, empenhado em ter a ajuda do Brasil no monitoramento da Triplice Fronteira, a continuidade das tropas e comando brasileiro no Haiti e acesso às informações do Sivam. Sobre este, parece ter havido uma certa resistência por parte dos militares brasileiros.

Pelo protocolo, os EUA doam armamento usado para nossas Forças Armadas e ganham o direito de inspecionar as instalações militares. Além disso, sendo material usado, ganham com a manutenção, movimentando a indústria bélica lá deles.

Isso no contexto de um verdadeiro cerco militar ao Brasil que EUA estão estendendo. De acordo com o Plano Sul estadunidense, já estão funcionando 17 bases operacionais ou de informações, no Equador, Peru (3), Colômbia (4), Paraguai, no Chile e nas Malvinas (em cooperação com a Grã Bretanha), no Caribe e também em São Tomé e Príncipe. Cerco que seria completado com a ocupação de bases em nosso próprio território: Boa Vista, Porto Velho e Manaus. Bases que eles estão pretendendo e esperamos que haja resistência interna para que não consigam.

Os EUA não conseguiram a Base de Alcântara graças a resistência interna que mobilizou milhões de assinaturas num verdadeiro plebiscito de defesa da soberania. Os acordos de cooperação militar haviam sido desfeitos nos governos de Geisel/Clinton, mas não os acordos envolvendo os serviços de inteligência e treinamento de policiais. Vê-se que devagar recuperaram o terreno perdido e voltam a colocar seus assessores em nosso meio.

De outro lado, estão investindo pesado no agro-negócio. Já ocupam um lugar privilegiado, vão ampliar a presença. Presença já bastante significativa no setores industriais mais dinâmicos como químico, petroquímico, farmacêutico, alimentos, fertilizantes, etc. Isso equivale a pleno domínio nos centros de decisão. É o que se pode prever conhecendo o comportamento histórico da potencia imperial de nossos dias.

## Remessa de lucros

Em 2006 as transnacionais enviaram para suas matrizes no exterior US\$ 16.354 bilhões, 29% mais que no ano anterior. Entre 1984 e 1993, as remessas giravam em torno de US\$ 1.3 bilhões por ano. Nos dez anos seguintes, a média anual alcançou US\$ 4,3 bilhões.

## Novo ciclo da cana-de-açúcar

A safra atual, na região centro-sul, é de 415 milhões de toneladas. A moagem disso resultará em 25 mil toneladas de açúcar e 18.5 bilhões de litros de álcool. Destes, 3,6 bilhões de litros serão exportados.

## Transnacionalização

A usina Santa Elisa se associa à trading Global Foods e o fundo Carlyle Riverstors e criam a Cia Nacional de Açúcar e Álcool – CNAA. Objetivo: moer 40 milhões de toneladas de cana e faturar R\$ 4 bilhões por ano.

## Ajuda Militar

Entre 1997 e 2007 os EUA empregaram em ajuda militar à América Latina e Caribe um total de US\$ 7,3 bilhões. o triplo da década anterior. Nesse contexto, de cada 3 dólares 2 foram para a Colômbia. (fonte: WOLA)

# Europa e os EUA não entendem a América Latina

**Entrevista para James Dixon da University of Hull, Department of Politics and International Relations, para sua defesa de tese sobre a errônea representação da América Latina (principalmente Brasil, Chile e Venezuela).**

James Dixon - Quais, as principais razões para a queda da democracia no Brasil (e outros países da América Latina) durante os anos 60 e 70?

1) *Incapacidade de um governo débil em articular uma aliança necessária para levar a cabo o programa de reformas de base. Em um erro crasso de avaliação, pensou que radicalizando obteria apoio das massas. Ainda fruto dessa incapacidade, ou incompetência, subestimou a capacidade de articulação das oligarquias e superestimou a lealdade das Forças Armadas. Não faltou quem avisasse (inclusive eu) que as principais unidades do Exército (em São Paulo) estavam comprometidas com o golpe.*

2) *A radicalização do discurso apavorou a classe média, sensível à propaganda anti-comunista e pró-consumista. As lideranças oligárquicas aproveitaram para mobilizar e angariar forças. Adhemar de Barros e a UDN (União Democrática Nacional), antes adversários uniram-se para derrubar o governo. Adhemar, no comando do governo de São Paulo mobilizou ingentes recursos e foi o fator decisivo para o êxito do golpe. Adhemar pretendia suceder a Goulart na presi-*

*dência. Vendo suas chances arrefecerem com o crescimento do Partido Trabalhista Brasileiro (de Goulart) e do capital político de Goulart, liderou a conspiração.*

3) *Havia uma estreita vinculação entre os serviços de inteligência dos Estados Unidos e as Forças Armadas brasileiras. Por outro lado, havia também uma estreita vinculação entre o Council of América e as organizações de empresários brasileiros, como a Fiesp. Lincon Gordon, na época embaixador dos EUA no Brasil, admitiu em livro o envolvimento de seu governo nos fatos que culminaram com o golpe de 1º. de abril. Antes mesmo de instalados no poder os EUA haviam reconhecido os golpistas como novo governo constitucional...*

James Dixon - Alguns desses fatores continuam presentes no Brasil e na América Latina hoje em dia, na sua opinião?

*Todos. Os cenários são os mesmos, o que muda são os personagens, a maneira de interpretar o papel que toca a cada um, troca de atores... Há que ter em mente que a história muitas vezes se repete como farsa. Lula não é Goulart e não representa qualquer ameaça às estratégias estadunidenses para o continente.*

## O que chamam democracia é a ditadura do capital financeiro

James Dixon - Existem outros fatores que representam uma ameaça à democracia no Brasil ou na América Latina, tanto internos quanto externos (dívida externa, condicionalidade ao FMI, distribuição de renda, hegemonia dos Estados Unidos, corrupção política, etc)

*Os interesses estratégicos do complexo militar-industrial, o modelo de desenvolvimento, a enorme necessidade de minerais estratégicos carentes em seu território, o fundamentalismo das elites governantes, particularmente do Partido Republicano, tudo isso faz com que os EUA constituam uma permanente ameaça a estabilidade política nos países periféricos, particularmente na América Latina. Soma-se a esse risco, a desonestidade de nossos intelectuais e das elites políticas que não trabalham na formulação de caminhos alternativos.*

James Dixon - Você acredita que a Democracia Liberal 'Western'\* é adequada ao Brasil ou América Latina? Em que extensão você acha que a América Latina tem sido permitida escolher sua própria rota para a democracia ou para um sistema que funcionasse para si mesma e não para outros? Porquê?

*A pergunta já contém respostas. O modelo imposto tem servido mais para os outros que para nós. O que chamam de*

*EUA constituem permanente ameaça a estabilidade nos países periféricos*

*Democracia Liberal é na realidade a ditadura do capital financeiro que está gerando a maior concentração de riqueza nas mãos de poucos e o monopólio das megacorporações. É um caminho que põe em risco a sobrevivência da própria humanidade, seja pelo agravamento das tensões sociais, seja pela ocupação predatória dos territórios que já está a causar alterações climáticas.*

James Dixon - Quais as alternativas você consideraria mais adequadas para o Brasil ou para a América Latina em geral?

*Dizia o antropólogo Darcy Ribeiro que o Brasil é um país em construção e o povo, a nossa civilização, ainda não terminou de ser forjada. Mas, há uma cultura própria, latente, de grande força que está impulsionando esse processo. Ainda não chegamos a definir que Estado queremos, que democracia queremos, que modelo de desenvolvimento queremos. Mas, já há a percepção de que o modelo imposto não serve, está dando péssimos resultados. Essa percepção, comum na América Latina, tem contagiado o planeta. Daqui partiu a premissa de que outro mundo é possível e que é preciso trabalhar para desconstruir o velho e construir o novo. Buscar novos paradigmas: este é o grande desafio para a humanidade no século XXI.*

### Balança Comercial

Em março de 2007, as exportações nos últimos 12 meses, registavam US\$ 27.920 bilhões, 13.73% mais que o ano anterior. As importações fecharam em US\$ 20.856, 24.31% a mais que em 2006, um saldo de US\$ 7.064 bilhões. O agro-negócio, nesses 12 meses, renderam US 43.8 bilhões.

### Superávit primário

O superávit primário, em torno de 4,25% do PIB corresponde a 11% das receitas, cerca de R\$ 90 bilhões. Com os juros da dívida se consomem mais 6.7% do PIB, algo em torno de R\$ 143 bilhões por ano.

### Gado amazônico

O rebanho na Amazônia legal aumentou dez vezes de 1990 a 2000. De 26.6 milhões de cabeças para 64 milhões. Os pecuaristas, associados às madeireiras são os maiores devastadores.

### Mais cana

A produção mundial de álcool, hoje, está em 50 bilhões de litros. Brasil e EUA produzem 72% desse total, mais ou menos 17.5 bilhões de litros cada um. Os 15% de álcool que os EUA pretendem adicionar à gasolina equivaleria a um acréscimo de cerca de 132 bilhões de litros.

## Taxa de Investimento

O IBGE calcula que os investimentos do Executivo programados para 2007 ficarão em torno de 0,3% a 0,5% do PIB. Em reais, serão R\$ 12 bilhões do PPI - Projeto Piloto de Investimento - e, R\$ 3.8 do PAC - Programa de Aceleração do Crescimento, totalizando R\$ 15.5 bilhões.

## Investimento Imobiliário

Fábio Colletti Barbosa, presidente da Febraban, diz que é preciso elevar a taxa de investimento imobiliário que está em torno de 3% do PIB. Ridículo se comparado com os 105% na Holanda, 75% da Grã Bretanha, 69% nos EUA, 50% em Portugal, 46% na Espanha e 17% no Chile.

## CSN exportará minérios

A Companhia Siderúrgica Nacional, apesar de ser emblemática, símbolo da busca de afirmação nacional, foi privatizada. Agora que é transnacional vai exportar minério que extrairá das jazidas de Congonhas, transformando-a na segunda mina do mundo.

## Encolhimento Industrial

Enquanto exportamos minérios e produtos agropecuários, o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento - IEDI -, informa que o valor na indústria caiu 9,7% entre 1996 e 2004.

# EUA herdaram o viés colonialista dos europeus

James Dixon - A democracia brasileira, como é, atinge as expectativas que você tinha durante os anos que lutou por ela?

O fundamentalismo estadunidense é muito pior que o populismo latino-americano

*Não considero que haja democracia no Brasil de hoje. Há, na realidade, uma abertura democrática. Isso é positivo só que não está sendo aproveitada convenientemente pelos partidos políticos, pelas universidades, ou seja, pela "inteligentzia" nacional. Nosso maior drama é esse.*

James Dixon - Você acredita que, em geral, a democracia brasileira e latino-americana é tão frágil como o é percebida pelo 'West' (ou pelos "Países Desenvolvidos")?

*Creio que as respostas anteriores já respondem esta pergunta.*

James Dixon - Observadores 'Western' da América Latina consideram questões como populismo, socialismo e até uma forte presidência, de certa forma, inerentemente não-democráticas, ou uma ameaça para a estabilidade do próprio sistema. Você concorda com essa opinião, ou considera que ela nasce de um fundamental equívoco sobre o sistema político da América Latina e o contexto no qual esse existe?

*De novo a pergunta traz a resposta. A visão eurocêntrica como também a visão washingtoniana leva a inter-*

*pretações equivocadas porque é guiada pelos seus interesses. Estados Unidos herdaram o viés colonialista dos europeus e os europeus fingem*

*que superaram essa tendência. Se olhassem o próprio umbigo veriam que o fundamentalismo estadunidense, por exemplo, é muito pior que o nosso populismo.*

James Dixon - Estas questões são, de fato, válidas, talvez até características necessárias deste sistema político, as quais seriam amplamente diferentes daquelas vigentes no 'West' (ou em "Países Desenvolvidos")?

*Não creio que os modelos "ocidentais" sirvam de paradigmas, muito menos de exemplos dignificantes para os povos dos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. É perfeita a democracia nos Estados Unidos? O governo de Bush é legítimo? São legítimas as invasões, as guerras perpetradas em nome da democracia?*

James Dixon - Se sim, na sua opinião, porque nós (de "Países Desenvolvidos") cometemos tais erros ao julgar a América Latina?

*A tal visão eurocêntrica e washingtoniana que já mencionei.*

James Dixon - Em qual extensão, a situação econômica do Brasil e da América Latina é um fator para a relativa

estabilidade 'do sistema'? Você acredita que o neoliberalismo, e/ou a mentalidade capitalista aumentou ou diminuiu a estabilidade e a força política, social e democrática?

*O neo-liberalismo aprofundou o fosso entre a pobreza e a riqueza. As grandes cidades refletem isso. Nelas vê-se claramente uma minoria excludente e a maioria de excluídos. Essa minoria excludente, ela mesma se tornando excluída: excluída da construção de um país que possa oferecer vida digna para seus netos. Excluída dos prazeres da nossa cultura. E a grande massa dos excluídos percebendo que lhes cabe um lugar ao sol, isto é, direito ao trabalho, à educação, à saúde, a moradia digna. Não há possibilidade de estabilidade do sistema persistindo essa situação.*

James Dixon - Que lições você acha que o Brasil e os brasileiros aprenderam com a perda da democracia, o governo militar e subsequente democratização? Essa experiência fortaleceu ou enfraqueceu o Brasil, a democracia e futuras perspectivas? Porquê?

*Não aprenderam lição alguma. Nossas elites rechaçam a história.*

*\* Quando se faz referência ao 'West', significa, no contexto, países desenvolvidos; de primeiro mundo. (Europa ocidental, EUA, Canadá...)*

## Violência gera violência

A nação brasileira está diante de uma escalada de violência e não se vislumbra possibilidade de reversão, pelo menos no curto prazo. A sociedade está contaminada. As reflexões e as propostas que se vêem levam ao agravamento da situação, pois, sabido é que violência gera violência, ou gera pânico, que não deixa de ser violência.

É sabido também que a violência tem causas estruturais e está implantada desde os primórdios da ocupação territorial, que se deu e ainda se dá através do massacre indígena e da destruição da fauna e flora nativas. A ocupação predatória – que também é uma forma de violência – continua a ser característica dominante nas fronteiras agrícolas e persiste na exploração do trabalhador rural.

Nas últimas décadas o planejamento do desenvolvimento foi completamente abandonado e a ausência de políticas agrícolas e urbanas agravaram a exclusão social.

O país necessita a criação de 2.2 milhões de novos empregos por ano apenas para atender ao crescimento vegetativo da população. Ocorre que há pelo menos duas décadas o crescimento do PIB tem sido inferior ao crescimento da população quando não igual a zero. Paralelamente, à marginalização desses mais de 50

milhões de brasileiros que não conseguiram entrar no mercado de trabalho, vemos, juntamente com a crescente concentração do capital, o sucateamento de boa parte de nosso parque industrial, gerando outros milhões de desempregados.

A busca do estado mínimo, consequência da consolidação da ditadura do capital financeiro, levou à deterioração dos sistemas educativo e de saúde pública além de ampliar o déficit na combalida infra-estrutura do país.

Tudo isso agravado pela ação dos meios de comunicação e informação com graves consequências na área psicossocial. Por exemplo, os estímulos ao consumo incompatível com a renda e mais ainda com o desemprego; a banalização do crime e da violência.

Numa sociedade que oferece mínimas condições de integração e interação social a política tem sido utilizada, historicamente, como instrumento de ascensão social. E aqui há que reconhecer que pela primeira vez se está revelando à opinião pública essa prática de utilizar a coisa pública em benefício próprio.

Recentemente, a ação violenta de grupos marginais organizados tem traumatizado a sociedade. Qual violência veio primeiro? Que

## Aqui, governos fecham escolas e abrem cadeias

perspectiva essa sociedade oferece à juventude dessa população majoritária e excluída que cerca nossas cidades? O IBGE revelou em fevereiro que metade dos sem emprego é jovem entre 15 e 24 anos.

Tivemos uma sucessão de governos em São Paulo que fecharam escolas e construíram cadeias. E temos, na mídia, uma enxurrada de “doutores” sobre como solucionar a violência. O que se ouve assusta. E o pior é que as propostas refletem o que é pensamento de muita gente na nossa sociedade. Uma sociedade contaminada, alienada, excluída e excludente.

O que se ouve assusta porque conduz ao agravamento da violência ao pretender combatê-la com mais violência. Algumas propostas nos remetem ao tempo da ditadura militar quando se unificaram os organismos de inteligência militar e repressão policial para infundir o terror na população. Fazia-se isso com a assessoria da CIA. Agora, com os recentes acordos com os EUA, devem voltar os assessores a treinar nossa polícia e nossos oficiais.

Aqui de novo estamos diante daquilo que é nosso maior drama. Não há propostas alternativas. Ninguém propõe planejamento para um desenvolvimento sustentável para o Estado de São Paulo e para o Brasil. De fato, só o desenvolvimento integral e

**Sabemos que  
é possível  
manter taxas  
de crescimento  
de 10% ao ano**

sustentável poderá abrir caminhos para se superar a situação em que nos encontramos.

Uma estratégia de desenvolvimento que aponte a uma sociedade de pleno emprego. Já tivemos taxas de desenvolvimento industrial superiores a 10% e de desenvolvimento agrário em torno de 7% e hoje gira em torno dos 3%.

Não é difícil portanto, voltar a esse desempenho. Basta livrar-se da ditadura do capital financeiro e fazer Investimentos maciços em obras de infraestrutura e na indústria imobiliária. Em 1995, investimentos de 83 bilhões de dólares no setor garantiram quatro milhões de empregos diretos.

Uma política agrária com ênfase na agricultura familiar e nas cooperativas com vistas a fixar o ser humano à terra e garantir a auto-suficiência alimentar de nossa população. Controle rigoroso para evitar a ação predadora da agropecuária intensiva e de exportação.

Uma estratégia de desenvolvimento com uma política de educação que não deixe uma só criança fora da escola. Uma escola de tempo integral, com professores bem preparados e bem remunerados. Uma escola da qual nossa juventude saia com capacidade de olhar crítica e criativamente a realidade, agentes transformadores capazes de construir o mundo melhor que todos desejamos.

Uma estratégia de desenvolvimento com uma política de saúde que faça com que o SUS seja uma realidade, ou seja, que haja oferta de serviços de saúde pública igual para todos.

Uma estratégia de desenvolvimento fundada nesses quatro pilares – indústria, agricultura, educação e saúde - terá de ser executada tendo como transversa a questão do meio ambiente e do desenvolvimento cultural. Terá de ser acompanhada também de ações emergenciais e reformulações nas normas que regem a política e o judiciário.

São Paulo, 22 de agosto de 2006

## Bia lança seu Primeiro CD



Bia Cannabrava oferece nesse seu primeiro CD algumas das canções que fizeram a sua história, vivida não só no Brasil, mas em suas andanças pelo continente, nos anos de exílio político em Cuba, na Bolívia, no Peru e no Panamá, sempre cantando, aprendendo canções novas e divulgando a música brasileira.

Fazem parte deste disco músicas que marcaram sua infância e adolescência, como Azulão, de Jaime Ovalle, e o famoso bolero “La Barca”, de Roberto Cantoral ; canções que provocaram fortes emoções como Te Recuerdo Amanda, de Victor Jara, Gracias a la Vida, de Violeta Parra, ambos chilenos; e Alfonsina y el Mar, sentida homenagem de Felix Luna e Ariel Ramirez à poetisa argentina, tragicamente desaparecida, Alfonsina Storni.

O produtores Sérgio Bártolo do “Funk Como Le Gusta” e Carlinhos Antunes da “Orquestra Mundana” juntaram suas experiências e linguagens nesse trabalho único, criando uma atmosfera que mescla viola, baixo e programações eletrônicas ao talento maduro de Bia Cannabrava.

Boa viagem, nessa tradução de sentimentos e emoções que os três conduziram durante esse delicioso encontro.

**CD à venda no Banana Verde - rua Harmonia, 278 - na Livraria da Vila, rua Fradique Coutinho, 915 - ambos na Vila Madalena, São Paulo; ou pelos telefones: 11 38653292 - 38726626.**

# O resgate de uma história política

É difícil negar que Adhemar de Barros desperta paixões, tanto a favor como contra, e que tem sido mais cômodo para a maioria dos historiadores e pesquisadores deixá-lo como numa caixa preta, intocável, quase anulado da história, não criando, assim, polêmicas em torno de seu nome. Talvez por isso, tantos anos depois de sua morte – ele faleceu no exílio, em 1969 –, tão pouco tenha sido escrito sobre ele.

Adhemar passou 35 anos de sua vida exercendo alguns dos mais altos cargos e funções da administração pública, e nesse período participou, direta ou indiretamente, dos fatos políticos mais importantes do país, inclusive como candidato à Presidência da República em quatro campanhas eleitorais. Em São Paulo, como interventor e governador do Estado e prefeito da capital, iniciou, realizou integralmente ou apenas concluiu um número surpreendente de obras. Médico, sempre deu especial atenção à área da saúde, mas educação, agricultura, transportes e infra-estrutura também estiveram entre suas prioridades. Apoiou o movimento militar em 1964, mas foi cassado em 1966. Quem foi esse político ao mesmo tempo amado e odiado, sobre o qual é preferível silenciar?

Este livro ajuda a jornalista Paulo Cannabrava *furacão*, com edições no países europeus, sócio-do conselho diretor da Propriedade Intelectual dos (Apijor) e membro do Brasileira de Anistiados contratado pela família acervo de documentos e depois doado ao Arquivo do seis anos de trabalho surgiu de Adhemar de Barros política e sua vida privada, em livro. É o que fez.

Este trabalho não é um personagem, mas uma sua trajetória e suas com a própria história do quatrocentonas e de seu no momento histórico que relações próximas com Vargas. Fala de sua relação a surpreendente quantidade estradas e outras obras de infra-estrutura que construiu, procurando compreendê-las na sua relação com o momento que o país, e em especial o Estado de São Paulo, vivia.

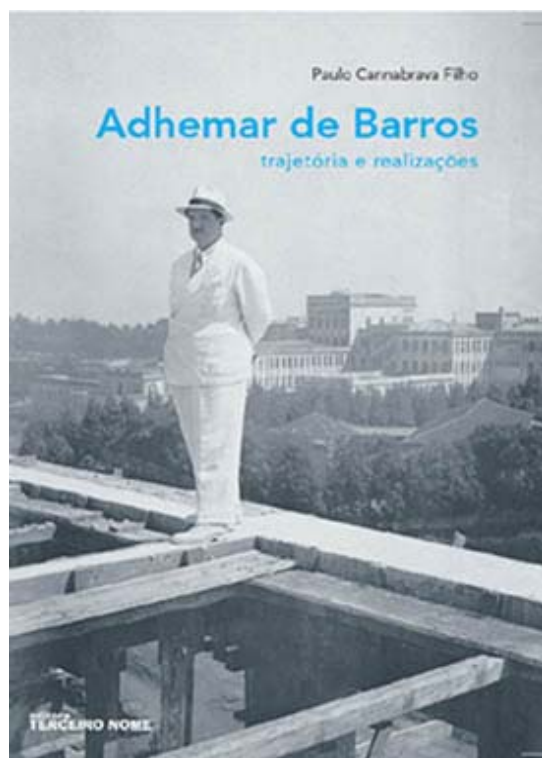
Jornalista, Paulo Cannabrava trabalhou na imprensa brasileira, foi exilado político de 1968 a 1980, foi correspondente da France Press na América Latina, diretor regional da Interpress Service e coordenador de importantes projetos de comunicação na Bolívia, Peru, Panamá, Brasil e para a Organização dos Estados Americanos. Desde 1980 dedica-se a elaborar projetos de jornalismo e comunicação social para prefeituras municipais e organizações não governamentais e a realizar pesquisa e sistematização na área de história como diretor da empresa Nova Sociedade Comunicação.

Com este livro, ele abre uma frente nova para o resgate da história política brasileira.

Mary Lou Paris

editora

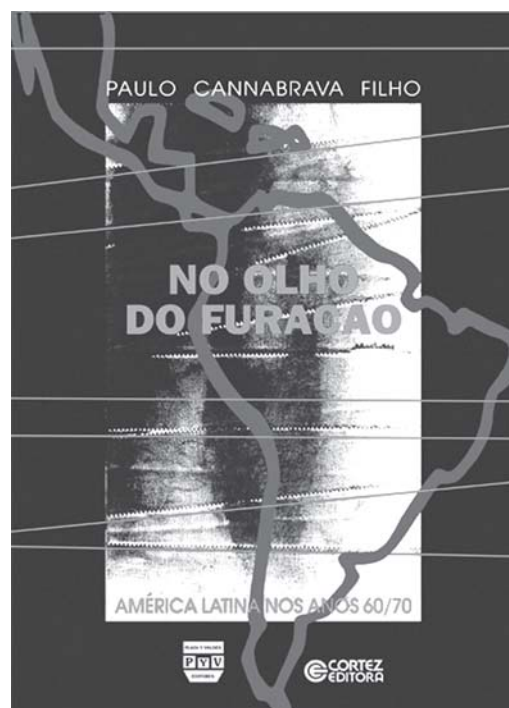
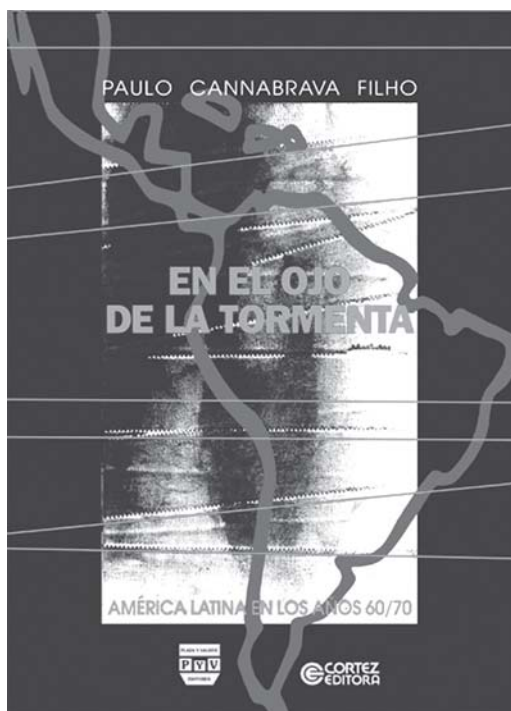
**Livros à venda com desconto pela Internet: [www.terceironome.com.br](http://www.terceironome.com.br)**



responder essa pergunta. O Filho – autor de *O olho do Brasil*, no México e em fundador e atual presidente Associação Brasileira da Jornalistas Profissionais conselho da Associação Políticos (Abap) – foi Barros para organizar o fotos do ex-governador, Estado de São Paulo. Desses a constatação de que a obra transcende sua trajetória e deveria ser documentada

relato da vida pessoal do biografia política, em que realizações se confundem país. Fala de suas origens casamento, mas centra-se permitiu sua ascensão e nas políticos como Getúlio com o campo, mas ressalta de hospitais, escolas,

Para melhor compreender a América Latina



No olho do furacão – América Latina nos anos 60/70 – editado por Cortez Editora ou, En el ojo de la tormenta - América Latina en los años 60/70, editado por Plaza y Valdés (México) - contém relatos objetivos, mas não desprovidos de emoção e de reflexões, dos fatos mais significativos vividos ou presenciados por Paulo Cannabrava Filho na América Latina e alguns países de outros continentes, nos anos de 1960 até 1979 e um pouco dos primeiros anos da década de 1980. Trabalhando como jornalista, em redações e como correspondente, ou atuando politicamente ao lado de líderes e dentro de processos revolucionários, na América Latina – e aqui, obviamente, se inclui o Brasil – Cannabrava procura colocar os fatos dentro do contexto histórico, geográfico e sócio-político de cada país, o que faz do livro uma obra indispensável para quem deseja compreender um dos períodos mais criativos de nossa América Latina. O livro retrata, como diz o autor “mais de uma década em que nossa América Latina esteve em chamas: a chama da criatividade e o fogo dos fuzis iluminando processos revolucionários que perseguiram a construção de um homem novo num mundo livre e solidário. Tempo em que as utopias deixavam o plano da entelúquia para materializar-se em transformações da realidade”.

Esta obra está disponível nas versões em português e espanhol

À venda com desconto pela Internet

[www.cortezeditora.com.br](http://www.cortezeditora.com.br)

**CORTEZ**  
**EDITORIA**  
Comprometida com a educação

Rua Bartira, 317 - Perdizes

05009-000 - São Paulo - SP

Tel (11) 38640111 - Fax 38644290

[cortez@cortezeditora.com.br](mailto:cortez@cortezeditora.com.br)

**Nova Sociedade**



**Comunicação**

Vinte anos prestando serviços de planejamento, criação e elaboração de produtos de comunicação social

Nos últimos dez anos nos especializamos em realizar projetos de pesquisa documental e iconográfica para resgate de acervos históricos.

Equipe de profissionais multidisciplinar e multimídia capacitada a encontrar soluções para problemas de comunicação em empresas privadas, ONGs e organismos governamentais.

Consulte nossas áreas de maior demanda:

- Pesquisa histórica e sistematização
- Planejamento Estratégico Participativo
- Geração de trabalho: transformando habilidades em renda
- Reciclando e desenvolvendo competências sociais
- Elaboração de Projetos para captação de recursos - Leis de Incentivo

**Nova Sociedade Comunicação Ltda**

Rua Fábria, 27 - Lapa

05051-030 - São Paulo - SP

Tels. (5511) 38653292 - 38726626 Fax 38732804

[www.novasociedade.com.br](http://www.novasociedade.com.br)

[novasociedade@novasociedade.com.br](mailto:novasociedade@novasociedade.com.br)